

HELEN PLUCKROSE
& JAMES LINDSAY

TEORIAS CÍNICAS

Como a academia e o ativismo tornam raça,
gênero e identidade o centro de tudo
– e por que isso prejudica todos

Tradução
CARLOS SZLAK



NOTAS

INTRODUÇÃO

1. James Lindsay e Helen Pluckrose, “A Manifesto against the Enemies of Modernity”, *Areo Magazine*, 22 de agosto de 2017, areomagazine.com/2017/08/22/a-manifesto-against-the-enemies-of-modernity/
2. John Rawls, *A Theory of Justice*. (Oxford: Oxford University Press, 1999).
3. Audre Lorde, *Sister Outsider: Essays and Speeches* (Berkeley, CA: Crossing Press, 2007), 110-114.

CAPÍTULO 1

1. A Teoria Crítica é frequentemente atribuída à conhecida Escola de Frankfurt, que surgiu como veículo para críticas marxistas da modernidade. Ela é distinta sobretudo da teoria crítica pós-moderna, que costuma ser referida simplesmente como “Teoria”, ou de linhas Teóricas críticas mais específicas, como “Teoria crítica da raça” ou “dietética crítica”. De fato, os membros da Escola de Frankfurt, principalmente Jürgen Habermas, eram em grande medida críticos do pós-modernismo. As abordagens contemporâneas que são tipicamente chamadas de “teoria crítica” tendem a se referir a variantes pós-modernas porque elas atualmente dominam grande parte do mundo acadêmico. Uma explicação acessível dos diferentes significados de “teoria crítica” pode ser encontrada em James Bohman, “Critical Theory”, in

Stanford Encyclopedia of Philosophy, ed. Edward N. Zalta (Winter 2019 Edition), plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/critical-theory/.

Desde a sua concepção original, a Teoria Crítica devia ser separada de uma teoria tradicional, que procura entender e explicar os fenômenos em termos do que são e de como funcionam, incluindo os fenômenos sociais. Em contraste, uma teoria crítica deve satisfazer um conjunto de três critérios. Primeiro, deve surgir de uma visão “normativa”, ou seja, um conjunto de visões morais sobre como a sociedade deve ser, e essa visão moral deve permear a teoria e servir como objetivo para uma nova sociedade. Segundo, deve explicar qual é o problema da sociedade ou dos seus sistemas correntes, em geral em termos de “problemáticas”, que são falhas no sistema ou as maneiras pelas quais esse sistema deixa de estar em conformidade com a visão moral normativa da teoria ou de gerá-la. Terceiro, deve ser acionável pelos ativistas sociais que desejam usá-la para mudar a sociedade.

Os Teóricos pós-modernos adotaram o método crítico – ou pelo menos o *estado de espírito* crítico – da Escola de Frankfurt e o adaptaram ao contexto estruturalista, especialmente a sua visão de poder. No entanto, o objetivo “crítico” permaneceu igual: tornar os problemas inerentes ao “sistema” mais visíveis para as pessoas supostamente oprimidas por ele – por mais felizes que possam estar vivendo as suas vidas nele –, até que passem a detestá-lo e buscar uma revolução contra ele. Especificamente, a Escola de Frankfurt desenvolveu a abordagem da Teoria Crítica para se estender além das críticas ao capitalismo, como os marxistas tinham feito, e para visar os pressupostos da civilização ocidental em geral, em especial o liberalismo como filosofia sociopolítica e o pensamento iluminista em geral. Essa foi a abordagem da crítica que os pós-modernos usaram contra toda a ordem social e as suas instituições, insistindo que as estruturas de poder hegemônicas (um conceito adotado de Antonio Gramsci) existem em todas as facetas da diferença e requerem exposição e, finalmente, derrubada.

2. Escrevemos acerca da necessidade de defender a modernidade contra os pré-modernos (aqueles que nos levariam de volta aos tempos pré-industriais e seculares) e os pós-modernistas em James Lindsay e Helen Pluckrose. “A Manifesto against the Enemies

- of Modernity”, *Areo Magazine*, 22 de agosto de 2017, areomagazine.com/2017/08/22/a-manifesto-against-the-enemies-of-modernity/.
3. Brian McHale, *The Cambridge Introduction to Postmodernism* (Cambridge University Press, 2015), 1.
 4. Embora Jacques Lacan e feministas francesas como Luce Irigaray e Julia Kristeva tenham sido participantes bastante influentes da virada pós-moderna, a psicanálise não será muito discutida neste livro. As suas ideias estão enraizadas no desenvolvimento da psique, e não no construtivismo cultural e, portanto, não foram tão influentes nos estudos culturais atuais como as de outros pensadores. Eles também foram criticados como “essencialistas” por esse motivo.
 5. Um relato abrangente de cada pensador pós-moderno e das suas fontes de inspiração está além do escopo deste livro.
 6. Jean-François Lyotard, *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge* (Manchester: Manchester UP, 1991).
 7. Jean Baudrillard, *Simulacra and Simulation*, tradução para o inglês de Sheila Faria Glaser (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1994).
 8. Baudrillard leva essa visão estranha a um extremo macabro e niilista, precognizando medidas drásticas para nos levar de volta a uma época mais produtiva e pré-tecnológica. Jean Baudrillard, *Symbolic Exchange and Death*, tradução para o inglês de Iain Hamilton Gran (Londres: SAGE Publications, 2017).
 9. Gilles Deleuze e Felix Guattari, *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, tradução para o inglês de Robert J. Hurley (Londres: Bloomsbury Academic, 2016).
 10. Fredric Jameson, *Postmodernism: Or, the Cultural Logic of Late Capitalism* (Nova York: Verso Books, 2019).
 11. David Harvey, *The Condition of Postmodernity* (Cambridge, MA: Blackwell, 2000).
 12. Não está claro se a população em geral compartilhava essa percepção da sociedade ou o ceticismo a respeito dos valores do Iluminismo que essa

- percepção induziu em certos pensadores, mas algo significativo estava mudando, sobretudo dentro da academia.
13. Brian Duignan, “Postmodernism”, *Encyclopædia Britannica*, 19 de julho de 2019, britannica.com/topic/postmodernism-philosophy (acessado em 15 de agosto de 2019).
 14. Parafraaseado de Walter Truett Anderson, *The Fontana Postmodernism Reader* (Londres: Fontana Press, 1996), 10-11.
 15. Steinar Kvale, “Themes of Postmodernity”, in *The Fontana Postmodernism Reader*, ed. Walter Truett Anderson (Londres: Fontana Press, 1996), 18.
 16. Kvale, “Themes”, 18.
 17. *Ibid.*, 20.
 18. Para Richard Rorty, o fator crucial foi a mudança de “encontrado” para “fabricado” – pelo que ele quis dizer que a verdade não está por aí para ser descoberta, mas sim para ser construída pelas pessoas. Isso expressa claramente a ansiedade pós-moderna subjacente acerca da artificialidade da modernidade (e, ironicamente, da pós-modernidade) e nos ajuda a caracterizá-la como um tipo de crise de autenticidade. Para Brian McHale, a guinada mais importante foi a mudança do foco filosófico do epistemológico para o ontológico – isto é, das preocupações sobre como produzimos conhecimento para tentativas de caracterizar a natureza do ser. O modernismo, ele escreve, está “preocupado com *o que sabemos e como sabemos*, com a acessibilidade e a confiabilidade do conhecimento”, e, em consequência, “buscou questões epistemológicas”. O pós-modernismo “privilegiou questões de *construção do mundo e modos de ser* em vez de questões de *percepção e saber*: era *ontológico* na sua orientação” (grifos no original). Richard Rorty, *Contingency, Irony, and Solidarity* (Cambridge: Cambridge University Press, 2009); McHale, *The Cambridge Introduction to Postmodernism*, 14-15.
 19. Steven Seidman, *The Postmodern Turn: New Perspectives on Social Theory* (Cambridge University Press, 1998), 1.
 20. Anderson, *Reader*, 2.

21. Os três pensadores a seguir, por exemplo, veem a ascensão do pós-modernismo como resultado dos fracassos do Iluminismo. Para Walter Anderson:

O veredito pós-moderno sobre o projeto iluminista é que foi uma iniciativa brilhante e ambiciosa, mas que o seu campo de visão era limitado. Os seus líderes acharam que a tarefa de construir uma cultura humana universal sobre uma base de pensamento racional seria mais fácil do que acabou sendo. O universo agora parece, se não infinito, pelo menos infinitamente complexo e misterioso. As nossas verdades eternas agora parecem inseparáveis das culturas que as criaram e das linguagens em que são expressas. (*Reader*, 216)

David Harvey afirma que os pensadores do Iluminismo

(...) consideravam axiomático que só houvesse uma única resposta possível para qualquer pergunta. Disto se seguiu que o mundo poderia ser controlado e racionalmente ordenado se pudéssemos apenas imaginá-lo e representá-lo corretamente. Mas isso presumia que havia um modo de representação único e correto que, se pudéssemos descobri-lo (e era disso que tratavam os esforços científicos e matemáticos), propiciaria os meios para os fins do Iluminismo.

Portanto, Harvey caracteriza o Iluminismo como uma crença “no progresso linear, nas verdades absolutas e no planejamento racional das ordens sociais ideais” (*Condition*, 27).

Steve Seidman também descreve o Iluminismo em termos muito simples e dogmáticos:

No âmago do Ocidente moderno, inclui-se a cultura do Iluminismo. Os pressupostos a respeito da unidade da humanidade, do indivíduo como força criativa da sociedade e da história, da superioridade do Ocidente, da ideia da ciência como Verdade e da crença no progresso social foram fundamentais para a Europa e os Estados Unidos. Atualmente, essa cultura está em estado de crise. (*Turn*, 1)

22. Nenhuma dessas ideias é nova. Na verdade, como R. C. Hicks detalha no seu livro *Understanding Postmodernism: Skepticism and Socialism from Rousseau to Foucault* (Tempe, AZ: Scholargy Publishing, 2004), são uma manifestação relativamente recente de um *continuum* de pensamentos anti-iluministas que remontam até o próprio Iluminismo. A nossa dependência nas nossas aptidões para mediar o conhecimento foi a principal preocupação de Kant e Hegel há cerca de dois séculos, por exemplo, e muito se escreveu sobre a filosofia kantiana e hegeliana em relação ao pensamento pós-moderno. As ideias de Nietzsche e Heidegger sobre o assunto e a natureza da realidade foram de importância ainda maior e mais direta para o desenvolvimento das ideias pós-modernas. Para aqueles interessados nos precursores filosóficos do pós-modernismo, tanto o livro de Hicks como o livro de David Detmer, *Challenging Postmodernism Philosophy and the Politics of Truth* (Amherst, NY: Humanity Books, 2003), serão de grande valor.
23. Aliás, esse é um caso em que os pós-modernos fizeram uma observação válida e a usaram para justificar uma filosofia bastante medíocre. É correto dizer que o que sabemos sobre a realidade depende dos modelos de realidade que apresentamos para explicá-la. Onde a visão pós-moderna erra é ao assumir que isso é uma catástrofe para a produção do conhecimento científico. A verdade é que esse fato não é alarmante para nenhum cientista ou filósofo da ciência sério. De fato, no seu livro *The Grand Design* (2012), Stephen Hawking e Leonard Mlodinow explicam essa forma de interpretar o mundo, que eles chamam de “realismo dependente de modelo” (Nova York: Bantam Books, 2010). Nessa abordagem, formulamos principalmente constructos linguísticos denominados *modelos* que explicam fenômenos, e examinamos as evidências que podemos reunir do mundo para determinar o quão consistente ele é com esses modelos. Quando um modelo demonstra fazer o melhor trabalho atualmente possível para explicar os dados disponíveis e prever novos resultados (e nas ciências “duras” como a física os padrões utilizados são extremamente exigentes), aceitamos os seus fatos como *provisoriamente verdadeiros* no contexto do modelo. Se um modelo melhor for concebido, os cientistas podem mudar o seu entendimento de forma correspondente, mas essa aparente flexibilidade é, na verdade, bastante rigorosa e nem um pouco parecida com o construtivismo cultural.

(Esse ponto foi bem compreendido pelos filósofos da ciência Thomas Kuhn e Willard Van Orman Quine.)

24. Richard Rorty, *Contingency, Irony, and Solidarity* (Cambridge: Cambridge University Press, 2009), 3.
25. Rorty apresenta esse caso dez anos antes em *Philosophy and the Mirror of Nature* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1979).
26. Michel Foucault, *The Order of Things: An Archaeology of the Human Sciences* (Londres: Routledge, 2002), 168. Embora em outras ocasiões Foucault pareça ter aceitado a possível existência de mais de uma episteme em jogo na sociedade, ele sistematicamente concebeu o saber como o produto de um poderoso aparato que determinava o que poderia ser conhecido.
27. Michel Foucault, *Madness and Civilization: A History of Insanity in the Age of Reason*, tradução para o inglês de Richard Howard e Jean Kafka (Nova York: Routledge, 2001); Michel Foucault, *Birth of the Clinic: An Archaeology of Medical Perception*, tradução para o inglês de A. M. Sheridan Smith (Londres: Tavistock, 1975); Michel Foucault, *The Archaeology of Knowledge: And the Discourse on Language*, tradução para o inglês de A. M. Sheridan Smith (Londres: Tavistock, 1972).
28. Isso é formalmente conhecido como *antifundacionalismo*.
29. Alan Sokal e Jean Bricmont distinguem esses dois tipos de ceticismo em *Fashionable Nonsense*:

O ceticismo específico não deve ser confundido com o ceticismo radical. É importante distinguir com cuidado entre dois tipos diferentes de críticas das ciências: aquelas que se opõem a uma teoria particular e se baseiam em argumentos específicos, e aquelas que repetem de uma forma ou de outra os argumentos tradicionais do ceticismo radical. O primeiro tipo pode ser interessante, mas também pode ser refutado, enquanto o segundo é irrefutável, mas desinteressante (por causa da sua universalidade). (...) Se quisermos contribuir para a ciência, seja ela natural ou social, deveremos abandonar as dúvidas radicais a respeito da viabilidade da lógica ou da possibilidade de conhecer o mundo por meio da observação e/ou experimentação. Claro que

sempre podemos ter dúvidas acerca de uma teoria específica. No entanto, os argumentos céticos gerais formulados para apoiar essas dúvidas são irrelevantes, justamente por causa da sua generalidade.<fim>

Alan Sokal e Jean Bricmont, *Fashionable Nonsense: Postmodern Intellectuals Abuse of Science* (Nova York: St. Martin's Press, 1999), 189.

30. Lyotard, *Postmodern Condition*.
31. Lyotard descreve uma “interligação estrita” entre a linguagem da ciência e a da política e da ética (ibid, 8).
32. Michel Foucault, “On the Genealogy of Ethics: An Overview of Work in Progress”, epílogo de *Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics*, 2ª ed., de Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow (Chicago: University of Chicago Press, 1983).
33. Lyotard, *Postmodern Condition*, 7.
34. Especificamente, Derrida rejeitou a ideia de que o “significante” (a palavra escrita ou falada) refere-se diretamente ao “significado” (o sentido, a ideia ou o objeto sobre o qual visa comunicar) e, em vez disso, viu as palavras como relacionais. Por exemplo, ele sustentou que “casa” deve ser entendida em relação a “cabana” (menor) e “mansão” (maior) e carece de um sentido claro fora dessas relações.
35. Jacques Derrida, *Of Grammatology*, tradução para o inglês de Gayatri Chakravorty Spivak (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976).
36. Roland Barthes, “The Death of the Author”, Aspen nº 5-6, ubu.com/aspens/aspens5and6/threeEssays.html.

CAPÍTULO 2

1. Acima de tudo, a primeira regra é nunca ser enfadonho.

2. Atualmente, uma posição comum adotada por acadêmicos é que o pós-modernismo está morto e que o tipo de Teoria que vemos hoje não é pós-modernismo. Esse argumento se baseia em uma abordagem purista, que identifica o pós-modernismo com a sua fase altamente desconstrutiva e o distingue das Teorias subsequentes que adaptaram os seus conceitos. Quem mais insiste nessa distinção são aqueles que desejam defender o pós-modernismo em relação ao estudo acadêmico sobre Justiça Social baseados em identidade de hoje em dia ou, alternativamente, defender o estudo acadêmico sobre Justiça Social em relação à mácula do pós-modernismo. Os acadêmicos que valorizam o pós-modernismo salientam que a política identitária, que se vale de categorias de identidade consistentes e de sistemas objetivamente reais de poder e privilégio, simplesmente não funciona em uma concepção pós-moderna do mundo. Aqueles que valorizam o estudo acadêmico sobre Justiça Social asseveram que a falta de objetivo desconstrutiva do pós-modernismo e a masculinidade branca dos seus criadores são antitéticas à Teoria atual, que procura construir um mundo melhor.

Para ser justo com essas objeções, existem muitos equívocos sobre o que é e o que não é pós-modernismo. O mais comum funde pós-modernismo com marxismo, referindo-se ao “marxismo cultural” ou “neomarxismo pós-moderno”. Embora existam conexões complicadas entre o marxismo e o pós-modernismo que o desconstruiu, essa afirmação costuma ser simplista, insistindo que o “pós-modernismo aplicado” adota as ideias marxistas de classes oprimidas e opressoras e as aplica a outras categorias identitárias, como raça, gênero e sexualidade. Isso é enganoso. Como mostra o capítulo anterior, o marxismo era uma das “metanarrativas” rejeitadas pelo pós-modernismo, mas os métodos *críticos* que surgiram a serviço do ativismo marxista foram mantidos e expandidos. Como os próximos capítulos mostrarão, os descendentes dos marxistas – os acadêmicos materialistas – continuam a trabalhar de maneiras muito diferentes e geralmente são bastante críticos em relação aos descendentes dos pós-modernos.

Ver Matthew McManus, “On Marxism, Post-Modernism, and ‘Cultural Marxism’”, *Merion West*, 18 de maio de 2018, merionwest.com/2018/05/18/on-marxism-post-modernism-and-cultural-marxism/.

3. Ver, por exemplo, Patricia Hill Collins, *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (Nova York: Routledge, 2015).
4. Lembre-se de que a Teoria Crítica foi organizada intencionalmente para explicar qual é o problema da sociedade (ocidental) em termos morais e para pôr em prática a mudança social mediante o ativismo dedicado. Nesse sentido, o que vemos no pós-modernismo aplicado é uma fusão do pós-modernismo com os derivados da Teoria Crítica conforme eles surgiram ao longo das décadas sob as formas de ativismo da “Nova Esquerda”, que, em contraste com a teorização pós-moderna, foi frequentemente direto e militante nas décadas de 1960 e 1970.
5. McHale. *The Cambridge Introduction to Postmodernism*, 48.
6. McHale, *Introduction*, 97.
7. Mark Horowitz, Anthony Haynor e Kenneth Kickham. “Sociology’s Sacred Victims and the Politics of Knowledge: Moral Foundations Theory and Disciplinary Controversies.” *The American Sociologist* 49, n° 4 (2018): 459-95.
8. Jonathan Gottschall, *Literature, Science and a New Humanities* (Nova York: Palgrave Macmillan, 2008), 5.
9. Brian Boyd, Joseph Carroll e Jonathan Gottschall, eds., *Evolution, Literature, and Film: A Reader* (Nova York: Columbia University Press, 2010), 2.
10. McHale, *Introduction*, 172.
11. René Descartes, *Discourse on the Method: The Original Text with English Translation* (Erebus Society, 2017).
12. Embora Said posteriormente tenha se tornado bastante crítico de Foucault, o seu texto inovador, *Orientalism*, que se baseia explicitamente nos conceitos foucaultianos de construção do conhecimento por meio do discurso, permanece um texto essencial nos estudos pós-coloniais e continua a influenciar os trabalhos na área hoje em dia.
13. Edward Said, *Orientalism* (Londres: Penguin, 2003), xiii.

14. Linda Hutcheon, “Circling the Downspout of Empire”. In *Past the Last Post: Theorizing Post-Colonialism and Post-Modernism*, eds. Ian Adam e Helen Tiffin, (Londres: Harvester/ Wheatsheaf, 1991), 171.
15. Esse cisma ocorre principalmente entre feministas críticas do gênero (radicais) e feministas transativistas (interseccionais e *queer*), cujas discordâncias teóricas são tão profundas quanto desagregadoras.
16. Como Poovey escreveu em 1988:

Levar a desconstrução à sua conclusão lógica seria sustentar que “mulher” é apenas um constructo social que não tem base na natureza, que “mulher”, em outras palavras, é um termo cuja definição depende do contexto em que está sendo discutido, e não de algum conjunto de órgãos sexuais ou experiências sociais. Isso torna problemática a experiência que as mulheres têm de si mesmas e o significado das suas relações sociais, no mínimo. Também questiona a base experiencial sobre a qual o feminismo norte-americano tem historicamente fundamentado os seus programas políticos. O desafio para aqueles de nós que estão convencidos de que as mulheres históricas reais existem e compartilham certas experiências e que a desmistificação da presença da desconstrução faz sentido teórico é elaborar alguma maneira de pensar tanto “mulheres” como “mulher”. Não é uma tarefa fácil.

MARY Poovey, “Feminism and Deconstruction”, *Feminist Studies* 14, nº 1 (1988): 51.

17. Judith Butler, *Gender Trouble* (Londres: Routledge, 2006).
18. Butler defende o pós-modernismo contra os seus detratores em um ensaio intitulado “Contingent Foundations: Feminism and the Question of ‘Post-modernism’”, p. 158:

Não sei a respeito do termo “pós-moderno”, mas se há uma questão, e uma questão delicada, para o que talvez eu entenda melhor como pós-estruturalismo é que o poder permeia o próprio aparato conceitual que busca negociar os seus termos, incluindo a posição de sujeito do crítico; e que, além disso,

essa implicação dos termos da crítica no campo do poder não é o advento de um relativismo niilista incapaz de fornecer normas, mas, ao contrário, é a própria precondição de uma crítica politicamente engajada. Estabelecer um conjunto de normas que estão além do poder ou da força é em si uma prática conceitual poderosa e contundente, que sublima, disfarça e estende o próprio jogo de poder por meio do recurso a tropos de universalidade normativa.

O seu ensaio aparece em *The Postmodern Turn: New Perspectives on Social Theory*, ed. Steven Seidman (Cambridge: Cambridge University Press, 1994).

19. Seidman, *Postmodern Turn*, 159.
20. bell hooks, “Postmodern Blackness”, in *The Fontana Postmodernism Reader*, ed. Walter Truett Anderson (Londres: Fontana Press, 1996).
21. *Ibid.*, 117.
22. *Ibid.*, 115
23. *Ibid.*, 120.
24. Kimberlé Crenshaw, “Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color”, *Stanford Law Review* 43, n° 6 (1991).
25. Crenshaw, “Mapping the Margins”, 1244n9.
26. A interseccionalidade mostrou-se eficaz em fornecer uma estrutura – que a contemporânea de Crenshaw, Patricia Hill Collin, chamou de “matriz da dominação” – que permitiu que grupos minoritários díspares se unissem sob uma única bandeira. Também forneceu as ferramentas para definir uma estrutura hierárquica dentro dessa coalizão frouxa e para intimidar movimentos mais reconhecidos e eficazes, como o feminismo, assumindo o controle de facções menores sob a rubrica eufemística de “aliança” e “solidariedade”.
27. Crenshaw, “Mapping the Margins”, 1297.
28. *Ibid.*, 1297.

29. Ibid., 1297.
30. Ver, por exemplo, Fiona Kumari Campbell, *Contours of Ableism: The Production of Disability and Aabledness* (Nova York: Palgrave Macmillan, 2012).
31. Esther D. Rothblum e Sondra Solovay, eds., *The Fat Studies Reader* (Nova York: New York University Press, 2009).
32. Um exemplo paradigmático disso é o tratamento crítico que *Rudolph, the Red-Nosed Reindeer* [*Rudolph, a rena do nariz vermelho*], filme de animação em *stop-motion* para tevê de 1964, recebeu nos últimos anos. Apesar do retrato claro do filme de um tema inclusivo e contra o *bullying* – não discrimine injustamente aqueles que são diferentes –, os teóricos e ativistas atuais contestaram o filme por retratar linguagem e atitudes potencialmente ofensivas por parte dos agressores, apesar do fato de que esses detalhes são cruciais para o tema geral.
33. Andrew Jolivette, *Research Justice: Methodologies for Social Change* (Bristol, UK: Policy Press, 2015).
34. Miranda Fricker, *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing* (Oxford: Oxford University Press, 2007).
35. Kristie Dotson, “Conceptualizing Epistemic Oppression”, *Social Epistemology* 28, nº 2 (2014).
36. Nora Berenstain, “Epistemic Exploitation”, *Ergo, an Open Access Journal of Philosophy* 3, nº 22 (2016).
37. Gayatri Chakravorty Spivak, “Can the Subaltern Speak?” in *Marxism and the Interpretation of Culture*, ed. Cary Nelson e Lawrence Grossberg (Chicago: University of Illinois Press, 1988).
38. Talvez o exemplo mais flagrante disso seja um caso investigado pela FIRE (Foundation for Individual Rights in Education) na Universidade da Carolina do Sul, em Colúmbia, em que as regras exigiam que os alunos “reconhecessem a existência do racismo, do classismo, do sexismo, do heterossexismo e de outras formas institucionalizadas de opressão” e concordassem em combatê-las, assim como os mitos e estereótipos que as perpetuam. Uma aluna se opôs ao ser informada de que deveria compartilhar as crenças ideológicas

do seu professor, e a FIRE emitiu um protesto contra essa exigência acadêmica. (Como descrito em Barbara Applebaum, *Being White, Being Good: White Complicity, White Moral Responsibility, and Social Justice Pedagogy* [Lanham: Lexington Books, 2010], 103.) Embora existam preconceitos e combatê-los seja uma coisa boa, essas regras são preocupantes por dois motivos. Em primeiro lugar, é alarmante que os alunos fossem obrigados a endossar uma crença e se tornar ativistas a seu serviço e, em segundo lugar, a exigência de combater mitos e estereótipos provavelmente se apoia em uma definição subjetiva (e ideológica) do que é mítico e estereotipado.

39. Breanne Fahs e Michael Karger, “Women’s Studies as Virus: Institutional Feminism, Affect, and the Projection of Danger”, *Multidisciplinary Journal of Gender Studies* 5, nº 1 (2016).
40. Sandra J. Grey, “Activist Academics: What Future?” *Policy Futures in Education* 11, nº 6 (2013).
41. Laura W. Perna, *Taking It to the Streets: The Role of Scholarship in Advocacy and Advocacy in Scholarship* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2018).
42. Essa caracterização vem da bióloga evolucionista Heather Heying (comunicação pessoal).
43. Sean Stevens, “The Google Memo: What Does the Research Say About Gender Differences?” *Heterodox Academy*, 2 de fevereiro de 2019, heterodoxacademy.org/the-google-memo-what-does-the-research-say-about-gender-differences/.
44. Emma Powell e Patrick Grafton-Green, “Danny Baker Fired by BBC Radio 5 Live over Racist Royal Baby Tweet”, *Evening Standard*, 9 de maio de 2019, www.standard.co.uk/news/uk/danny-baker-fired-broadcaster-sacked-by-bbc-radio-5-live-over-racist-tweet-a4137951.html.

CAPÍTULO 3

1. Alguns acadêmicos pós-coloniais são materialistas (frequentemente marxistas) e analisam o colonialismo e as suas consequências em termos de economia e

política. Eles costumam ser bastante críticos em relação aos pós-colonialistas pós-modernos. Ver, em particular, Meera Nanda, Aijaz Ahmad, Benita Parry, Neil Lazarus e Pal Ahluwalia.

2. A descolonialidade e a indigeneidade constituem duas áreas de estudo relacionadas, mas distintas, que compartilham grande parte das características da Teoria pós-colonial. Ambas se concentram nas maneiras pelas quais os poderosos herdeiros do colonialismo mantêm o seu domínio social e político, sobretudo pela alterização por meio da linguagem. A descolonialidade se concentrou originalmente na América Latina. Walter D. Mignolo, em particular, trabalha com epistemologia e contesta os métodos de produção de conhecimento do pensamento iluminista. No entanto, os acadêmicos dedicados aos estudos descoloniais costumam rejeitar o pós-modernismo como um fenômeno ocidental. Os acadêmicos dedicados aos estudos indígenas adotaram um rumo semelhante em relação ao conhecimento e aos sistemas de poder. Linda Tuhiwai Smith, professora de educação indígena na Universidade de Waikato, na Nova Zelândia, é influente nessa área. O seu livro *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples* (1999) se descreve como “baseado em Foucault” para sustentar que o estudo acadêmico ocidental é fundamental para a colonização dos povos indígenas. Ver Linda Tuhiwai Smith, *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples* (Londres: Zed Books, 1999).
3. Frantz Fanon, *Black Skin, White Masks*, tradução para o inglês de Richard Philcox (Nova York: Penguin Books, 2019).
4. Frantz Fanon, *A Dying Colonialism*, tradução para o inglês de Haakon Chevalier (Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1970).
5. Frantz Fanon, *The Wretched of the Earth*, tradução para o inglês de Constance Farrington (Harmondsworth: Penguin, 1967).
6. Said, *Orientalism*.
7. Mathieu E. Courville, “Genealogies of Postcolonialism: A Slight Return from Said and Foucault Back to Fanon and Sartre”, *Studies in Religion/Sciences Religieuses* 36, nº 2 (2007). A abordagem de Said foi amplamente foucaultiana, embora ele rejeite certos aspectos da obra de Foucault em favor da de

Fanon. Portanto, a sua abordagem pode ser considerada como uma síntese da obra desses dois pensadores.

8. Said, *Orientalism*, 3.
9. Joseph Conrad, *Heart of Darkness: and Other Stories* (Nova York: Barnes & Noble, 2019).
10. Said, *Orientalism*, xviii.
11. Linda Hutcheon, “Circling the Downspout of Empire”, in *Past the Last Post: Theorizing Post-Colonialism and Post-Modernism*, ed. Ian Adam e Helen Tiffin (Londres: Harvester/Wheatsheaf, 1991).
12. *Ibid.*, 168.
13. Gayatri Chakravorty Spivak, “Can the Subaltern Speak?” in *Marxism and the Interpretation of Culture*, ed. Cary Nelson e Lawrence Grossberg (Chicago: University of Illinois Press, 1988).
14. Gayatri Chakravorty Spivak, “Subaltern Studies: Deconstructing Historiography”, in *Selected Subaltern Studies*, ed. Ranajit Guha e Gayatri Chakravorty Spivak (Nova York: Oxford University Press, 1988), 13.
15. Spivak, “Can the Subaltern Speak?”, 308.
16. Professor de literaturas e culturas anglófonas, Stephen Morton descreve Bhabha desta maneira:

A obra de Bhabha costuma expor a ambivalência e a incerteza no cerne de formas aparentemente robustas e poderosas de conhecimento. A sua crítica aos discursos do colonialismo revela um processo permanente de fratura e divisão no seu âmago enquanto eles buscam ansiosamente (mas sempre deixam de) assegurar o conhecimento acerca dos colonizados.

- STEPHEN Morton, “Poststructuralist Formulations”, in *The Routledge Companion to Postcolonial Studies*, ed. John McCleod (Londres: Routledge, 2007), 205.

17. The Bad Writing Contest, www.denisdutton.com/bad_writing.htm (acessado em 22 de agosto de 2019).
 18. Homi Bhabha é mais conhecido pela ideia de *hibridéz*, apresentada no seu livro *The Location of Culture*, de 1994, e por conceitos afins, como *mimetismo*, *ambivalência* e *terceiro espaço*. Esses conceitos dizem respeito a noções de dualidade, duplicação, apropriação e ambiguidade. Tais termos surgem muitas vezes na Teoria pós-moderna. Esses conceitos são mais bem compreendidos como uma rejeição de categorias estáveis. Os termos se referem a pessoas que operam em vários domínios ao mesmo tempo, embora se sintam parte de ambos, mas também divididas, seja na sua percepção de si mesmas e na sua posição ou na de outra pessoa. Elas podem se sentir “híbridas” – por exemplo, asiático-americanas – ou podem sentir que estão imitando ou se adaptando a uma cultura dominante ou tendo a sua cultura imitada ou apropriada por aquela cultura. O conceito de hibridéz de Bhabha descreve a mistura de culturas e linguagens para criar uma nova forma, contendo elementos de ambas. A *ambivalência* descreve o indivíduo dividido, e o *mimetismo* é uma prática de comunicação dentro do (terceiro) espaço onde as duas partes de encontram. No entanto, na Teoria pós-colonial, essa mistura de culturas se caracteriza por um desequilíbrio de poder que resulta na imposição de uma cultura e linguagem sobre a outra. Ver Homi K. Bhabha, *The Location of Culture* (Londres: Routledge, 1994).
 19. Esse método de análise pós-colonial se ocupa muito de interpretar e reinterpretar, de desconstruir e reconstruir culturas, narrativas, percepções e identidades, e pouco de analisar empiricamente a realidade material. Como Simon Gikandi, professor de língua e literatura inglesa, sustenta: “Foi como um método de análise cultural e como um modo de leitura que o pós-estruturalismo se tornou central para o projeto pós-colonial” (Simon Gikandi, “Poststructuralism and Postcolonial Discourse”, *Cambridge Companion to Postcolonial Studies*, ed. Neil Lazarus [Cambridge: Cambridge University Press, 2004], 113). Morton vai mais longe ao afirmar que “ler” a cultura dessa maneira altamente teórica e distante na verdade silencia o colonizado.
- AO enquadrar a resistência política em termos abstratos de signos, códigos e estratégias discursivas, em outras palavras, os críticos materialistas de uma

Teoria pós-colonial permeada pela obra de Jacques Derrida e Michel Foucault argumentam que a Teoria pós-colonial – voluntária ou involuntariamente – nega a agência e a voz do colonizado (Morton, “Formations”, 161).

Em resumo, o foco na linguagem e na interpretação, visto através de uma lente pós-colonial estreita, reduz as pessoas anteriormente colonizadas a coadjuvantes do Ocidente novamente. Elas só podem ser entendidas em termos da sua relação coletiva com o Ocidente, sendo negadas tanto a individualidade como a universalidade. Portanto, essa abordagem politicamente motivada de “ler” por meio de estruturas de poder que chamamos de *pós-modernismo aplicado* recria os estereótipos que afirma terem sido criados pelo Ocidente, embora, ao contrário dos orientalistas anteriores, os valorize, em vez de depreciá-los.

20. Bhabha, *Location*, 20-21.

21. Os críticos mais consistentes dos acadêmicos pós-modernos pós-coloniais são os acadêmicos pós-coloniais marxistas, dos quais o mais proeminente é indiscutivelmente Vivek Chibber. O que mais preocupa Chibber é a natureza essencialista dos estudos pós-coloniais. Com isso, ele quer dizer que objetivos humanos universais ou compartilhados são desvalorizados nos estudos pós-coloniais, em favor das diferenças culturais extremas que recriam o orientalismo. Ao tornar ocidentais a ciência, a razão, o liberalismo e toda a tradição iluminista, Chibber teme que:

A contribuição duradoura da Teoria pós-colonial – pelo que será conhecida, na minha opinião, se for lembrada daqui a cinquenta anos – será o seu reavivamento do essencialismo cultural e a sua atuação como endosso do orientalismo, em vez de ser um antídoto a ele.

VIVEK Chibber, “How Does the Subaltern Speak?”, entrevista de Jonah Birch, Jacobin, 21 de abril de 2013, www.jacobinmag.com/2013/04/how-does-the-subaltern-speak/.

22. Joseph-Ernest Renan, *La Réforme intellectuelle et morale (1871)*, como citado em Ahdaf Soueif, “The Function of Narrative in the War on Terror”, in

War on Terror, ed. Chris Miller (Manchester: Manchester University Press, 2009), 30.

23. Mariya Hussain, “Why Is My Curriculum White?” *National Union of Students*, 11 de março de 2015, www.nus.org.uk/en/news/why-is-my-curriculum-white/; Malia Bouattia e Sorana Vieru, “#LiberateMyDegree@NUSConnect”, *NUS Connect*, www.nusconnect.org.uk/campaigns/liberatemydegree.
24. Dalia Gebrial, “Rhodes Must Fall: Oxford and Movements for Change”, in *Decolonising the University*, ed. Gurminder K. Bhambra, Dalia Gebrial e Kerem Nişancioğlu (Londres: Pluto Press, 2018).
25. Bhambra e colegas explicam dessa maneira:

“Descolonizar” envolve inúmeras definições, interpretação, objetivos e estratégias. (...) Em primeiro lugar, é um modo de pensar o mundo que assume o colonialismo, o império e o racismos como objetos de estudo empíricos e discursivos; re-situa esses fenômenos como forças de modelação básicas do mundo contemporâneo, em um contexto em que o seu papel foi sistematicamente apagado da vista. Em segundo lugar, pretende oferecer modos alternativos de pensar o mundo e formas alternativas de práxis política.

GURMINDER K. Bhambra, Dalia Gebrial e Kerem Nişancioğlu, eds., *Decolonising the University* (Londres: Pluto Press, 2018), 1-2.

26. Vemos isso quando Bhambra e colegas (*ibid.*, 2-3) afirmam:

Um dos principais desafios que as abordagens de descolonização apresentaram às formas eurocêntricas de conhecimento é uma insistência na posicionalidade e na pluralidade e, talvez ainda mais importante, o impacto que levar a “diferença” a sério faria aos entendimentos convencionais.

27. *Ibid.*, 3.

28. *Ibid.*, 2-3.

29. A ideia de que a elite ocidental promove efetivamente a “branquitude” sobre todas as outras formas de conhecimento aparece na introdução do livro de 2018, *Rhodes Must Fall: The Struggle to Decolonise the Racist Heart of Empire*, de Kehinde Andrews, o primeiro professor do Reino Unido de estudos sobre negros. Andrews escreve: “O prestígio de Oxford é fundado no seu *status* de elite, que é uma senha para a sua branquitude” (p. 1). A evidência disso é experiencial: “É fácil subestimar a violência simbólica que é cometida diariamente em espaços como Oxford. Mas basta você andar pelo *campus* para sentir a opressão do ambiente”. Kehinde Andrews, “Introduction”, in *Rhodes Must Fall: The Struggle to Decolonise the Racist Heart of Empire*, ed. Roseanne Chantiluke, Brian Kwoba e Athinangamso Nkopo (Londres: Zed Books, 2018), 2.
30. Bhabra et al., *Decolonising*, 5.
31. Andrews, “Introduction”, 4.
32. “Our Aim.” #RHODESMUSTFALL, 24 de dezembro 2015. rmfoxford.wordpress.com/about/.
33. Talvez essa crença seja expressa mais explicitamente estigmatizando e rejeitando os conceitos ocidentais de conhecimento como *positivistas*. “Positivista” significa que o conhecimento é definido como aquilo que pode ser mostrado e visto, testado cientificamente ou provado matematicamente. Uma compreensão positivista do conhecimento envolve aceitar aquilo que é evidenciado, em vez daquilo que só foi teorizado, experimentado subjetivamente ou é uma questão de fé. Tal atitude, em vez de ser vista como *rigorosa*, é entendida como meramente ocidental e colonial nos movimentos pós-coloniais e descoloniais.
34. Gebrial, “Movements for Change”, 24.
35. Nelson Maldonado-Torres, Rafael Vizcaíno, Jasmine Wallace e Jeong Eun Annabel, “Decolonizing Philosophy”, in *Decolonising the University*, eds. Gurminder K. Bhabra, Dalia Gebrial e Kerem Nişancıoğlu (Londres: Pluto Press, 2018), 64.
36. Maldonado-Torres et al., “Decolonising Philosophy”, 66.

37. Ibid., 66-67.
38. Andrew Jolivette, *Research Justice: Methodologies for Social Change* (Bristol, UK: Policy Press, 2015), 5.
39. Kagendo Mutua e Beth Blue Swadener, *Decolonizing Research in Cross-Cultural Contexts: Critical Personal Narratives* (Albany, NY: SUNY Press, 2011).
40. Mutua e Swadener, *Cross-Cultural Contexts*, p. 1.
41. Ibid., 2.
42. Meera Nanda, “We Are All Hybrids Now: The Dangerous Epistemology of Post-colonial Populism”, *Journal of Peasant Studies* 28, n° 2 (2001): 165.
43. Ibid., 164.
44. Nanda (ibid., 165) escreve:

O ânimo da teoria pós-moderna/pós-colonial contra os valores do Iluminismo e a sua indulgência em relação às contradições a tornam sem dúvida compatível com uma resolução tipicamente de direita do assincronismo (ou o lapso de tempo) entre a tecnologia avançada e um contexto social regressivo que as sociedades em desenvolvimento normalmente experimentam no processo de modernização.

45. Nesse sentido, Nanda (ibid., 171) escreve:

Se admitirmos os próprios fundamentos da objetividade ao Ocidente, não voltaremos aos velhos estereótipos de nativos emocionais irracionais? Ironicamente, para um gênero intelectual que se baseia na negação de características permanentes a-históricas, esses críticos deixam de ver que essas características tipicamente modernas não são sancionadas pela religião e cultura ocidentais, mas tiveram que ser enfrentadas até mesmo no Ocidente.

46. Carollette R. Norwood, “Decolonizing My Hair, Unshackling My Curls: An Autoethnography on What Makes My Natural Hair Journey a Black Feminist Statement”, *International Feminist Journal of Politics* 20, n° 1 (2017).

47. Meera Sabaratnam, “Decolonising the Curriculum: What’s All the Fuss About?” *SOAS Blog*, 25 de junho de 2018, www.soas.ac.uk/blogs/study/decolonising-curriculum-whats-the-fuss/.
48. Alan J. Bishop, “Western Mathematics: The Secret Weapon of Cultural Imperialism”, *Race & Class* 32, n° 2 (1990).
49. Laura E. Donaldson, “Writing the Talking Stick: Alphabetic Literacy as Colonial Technology and Postcolonial Appropriation”, *American Indian Quarterly* 22, n° 1/2 (1998).
50. Mutua e Swadener, *Cross-Cultural Contexts*.
51. Lucille Toth, “Praising Twerk: Why Aren’t We All Shaking Our Butt?” *French Cultural Studies* 28, n° 3 (2017).

CAPÍTULO 4

1. Sherry B. Ortner, “Is Female to Male as Nature Is to Culture?” in *Woman, Culture, and Society*, ed. Michelle Zimbalist Rosaldo e Louise Lamphere (Palo Alto, CA: Stanford University Press, 1974).
2. Certas culturas perceberam um terceiro sexo ou uma grande variedade de gêneros. Em grande medida, parecem ser maneiras de pensar nas pessoas que não se enquadram nas categorias previstas de “homem masculino atraído por mulheres” e “mulher feminina atraída por homens” e, em geral, foram consideradas como discrepantes de uma norma predominante, com raízes profundamente entranhadas nas realidades biológicas de uma espécie que se reproduz sexualmente.
3. Acredita-se que o nome “Teoria queer” tenha sido criado em uma coletânea de ensaios editada por Teresa de Lauretis em 1991. Teresa de Lauretis, *Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities* (Providence, RI: Brown University Press, 1991).

4. Mikael e Sune Innala, “The Effect of a Biological Explanation on Attitudes towards Homosexual Persons: A Swedish National Sample Study”, *Nordic Journal of Psychiatry* 56, nº 3 (2002).
5. Nesse caso, o “Q” parece estar cooptando o status L, G, B e T para o próprio projeto político, o qual os outros podem não endossar, e muitas vezes não endossam.
6. Judith Halberstam, In a Queer Time and Place: Transgender Bodies, Sub-cultural Lives (Nova York: New York University Press, 2005).
7. David M. Halperin, “The Normalization of Queer Theory”, *Journal of Homosexuality* 45, nº 2-4 (2003).
8. David M. Halperin, *Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography* (Nova York: Oxford University Press, 1997), 62.
9. Os autores se apressam em registrar que “genderfucking” é um termo técnico acadêmico da Teoria queer, que significa, grosso modo, “foder com o significado de ‘gênero’ para torná-lo queer”.
10. Annamarie Jagose, *Queer Theory: An Introduction* (Nova York: New York University Press, 2010), 1. Jagose (p. 3) também tenta a seguinte definição de Teoria *queer*:

Embora não haja um consenso crítico a respeito dos limites de definição de *queer* – o determinismo sendo um dos seus encantos amplamente promovidos –, os seus contornos gerais são frequentemente esboçados e discutidos. Em linhas gerais, o *queer* descreve aqueles gestos ou modelos analíticos que dramatizam incoerências nas relações supostamente estáveis entre sexo cromossômico, gênero e desejo sexual. Resistindo a esse modelo de estabilidade – que reivindica a heterossexualidade como sua origem, quando é mais propriamente seu efeito –, o *queer* se concentra nas incompatibilidades entre sexo, gênero e desejo. Institucionalmente, o *queer* tem sido associado de modo mais proeminente a sujeitos lésbicos e gays, mas a sua estrutura analítica também inclui tópicos como *cross-dressing*, hermafroditismo, ambiguidade de gênero e cirurgia corretiva de gênero. Seja como performance de travesti ou desconstrução acadêmica, o *queer* localiza e explora as incoerências nesses

três termos que estabilizam a heterossexualidade. Ao demonstrar a impossibilidade de qualquer sexualidade “natural”, questiona até mesmo termos aparentemente não problemáticos como “homem” e “mulher”.

11. Pinker escreve:

Diversos traços psicológicos relevantes para a esfera pública, como inteligência geral, são os mesmos em média para homens e mulheres. (...) As generalizações em relação a um sexo sempre serão falsas no que diz respeito a muitos indivíduos. E noções como “papel adequado” e “lugar natural” são cientificamente sem sentido e não dão motivos para restringir a liberdade.

STEVEN Pinker, *The Blank Slate: The Modern Denial of Human Nature* (Londres: Penguin, 2002), 340.

12. E. O. Wilson, “From Sociobiology to Sociology”, in *Evolution, Literature, and Film: A Reader*, ed. Brian, Joseph Carroll e Jonathan Gottschall, (Nova York: Columbia University Press, 2010), 98.

13. Recentemente, alguns ativistas e acadêmicos trans começaram a recorrer à ciência, já que a neurociência tem fornecido cada vez mais evidências de que a experiência das pessoas trans em relação ao seu gênero como diferente do seu sexo se baseia na biologia. Isso não fez progressos significativos na Teoria *queer*.

14. Michel Foucault, *The History of Sexuality: Volume 1, an Introduction*, tradução para o inglês de Robert J. Hurley (Nova York: Penguin, 1990).

15. *Ibid.*, 69.

16. *Ibid.*, 54.

17. *Ibid.*, 93.

86. 18. Louise Amoore, *The Global Resistance Reader* (Londres: Routledge, 2005),

19. Outro teórico sociológico francês influente e obcecado pelo poder, Pierre Bourdieu, que tinha divergências profundas com Foucault e a visão

pós-moderna ortodoxa, enxergava as coisas de maneira semelhante e descreveu isso por meio do conceito de *habitus* social.

20. Embora as opiniões da sociedade sobre o *status* moral de diversos aspectos da sexualidade humana tenham mudado muito nos últimos cinquenta anos – sexo extraconjugal e sexo homossexual têm sido cada vez mais considerados como moralmente neutros –, Rubin inclui de maneira preocupante a pedofilia na sua lista de tabus meramente construídos socialmente, ao afirmar: “É mais difícil para a maioria das pessoas simpatizar com amantes de meninos. Como os comunistas e os homossexuais na década de 1950, os amantes de meninos são tão estigmatizados que é difícil encontrar defensores para as suas liberdades civis, e mais ainda para a sua orientação erótica”. Gayle Rubin, “Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality”, in *The Lesbian and Gay Studies Reader*, ed. Henry Abelove, Michèle Aina Barale e David M. Halperin (Abingdon: Taylor & Francis, 1993), 7.
21. *Ibid.*, 9.
22. *Ibid.*, 10.
23. *Ibid.*, 11.
24. Rubin (*ibid.*, 12) descreve explicitamente essa hierarquia:

As sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais de acordo com um sistema hierárquico de valor sexual. Os heterossexuais conjugais e reprodutivos estão sozinhos no topo da pirâmide erótica. Clamando abaixo estão os heterossexuais monogâmicos solteiros em pares, seguidos pela maioria dos outros heterossexuais. (...) Entre as castas sexuais mais desprezadas atualmente, incluem-se transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, profissionais do sexo como prostitutas e modelos pornô, e a mais baixa de todas, aquela cujo erotismo transgride os limites geracionais.

25. *Ibid.*, 15.
26. *Ibid.*, 22.

27. Judith Butler, *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"* (Nova York: Routledge, 1993), xii.
28. Judith Butler, *Gender Trouble* (Londres: Routledge, 2006), 192.
29. *Ibid.*, 192.
30. *Ibid.*, 192.
31. *Ibid.*, 192-3.
32. Adrienne Rich, *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence* (Denver, CO: Antelope Publications, 1982).
33. Butler, *Gender Trouble*, 169.
34. *Ibid.*, 44.
35. *Ibid.*, 44.
36. *Ibid.*, 9-10.
37. *Ibid.*, 7.
38. Eve Kosofsky Sedgwick, *Epistemology of the Closet* (Berkeley, CA: University of California Press, 2008), 13.
39. *Ibid.*, 1.
40. *Ibid.*, 3.
41. *Ibid.*, 9.
42. Elizabeth Freeman, *Time Binds: Queer Temporalities, Queer Histories* (Durham, NC: Duke University Press, 2010).
43. Mel Y. Chen, *Animacies: Biopolitics, Racial Mattering, and Queer Affect* (Durham, NC: Duke University Press, 2012).
44. Butler, *Gender Trouble*, 4.
45. Os Teóricos *queer* podem responder a isso afirmando que é uma simplificação radical da sua posição, que eles afirmam que não nega as realidades biológicas, mas simplesmente sustenta que tais realidades são mediadas por discursos históricos, que, por sua vez, determinam as categorias em que pensamos. Essa é mais uma distinção sem diferença. Por causa do

imperativo moral da Teoria *queer* de rejeitar, romper e subverter as afirmações científicas e o senso comum sobre gênero, sexualidade e até mesmo sexo, os Teóricos *queer* não gastam quase nenhum tempo reconhecendo que as realidades biológicas existem, e gastam quase todo o seu tempo rejeitando-as e declarando a construção social dessas categorias.

CAPÍTULO 5

1. Michael Neill, “‘Mulattos,’ ‘Blacks,’ and ‘Indian Moors’: Othello and Early Modern Constructions of Human Difference”, *Shakespeare Quarterly* 49, n° 4 (1998).
2. Alguns chineses han do século III desprezaram bárbaros com cabelos loiros e olhos verdes, comentando que era óbvio que – ao contrário dos han – eles claramente descendiam de macacos. Thomas F. Gossett, *Race: The History of an Idea in America* (Oxford: Oxford University Press, 1997).
3. Sojourner Truth, “The Narrative of Sojourner Truth”, ed. Olive Gilbert, in *A Celebration of Women Writers*, www.digital.library.upenn.edu/women/truth/1850/1850.html.
4. Frederick Douglass, *Narrative of the Life Frederick Douglass* (Lexington, KY: CreateSpace, 2013).
5. W. E. B. Du Bois, *The Souls of Black Folk: The Unabridged Classic* (Nova York: Clydesdale, 2019).
6. Winthrop D. Jordan, *White over Black American Attitudes toward the Negro, 1550–1812* (Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2012).
7. Richard Delgado e Jean Stefancic, *Critical Race Theory: An Introduction* (Nova York: New York University Press, 2017), 3.
8. *Ibid.*, Introduction, 26.
9. Derrick A. Bell, *Race, Racism, and American Law* (Boston: Little, Brown, and Co., 1984).

10. Derrick Bell, *And We Are Not Saved: The Elusive Quest for Racial Justice* (Nova York: Basic Books, 2008).
11. *Ibid.*, 159.
12. Derrick A. Bell, Jr., “*Brown v. Board of Education* and the Interest-Convergence Dilemma”, *Harvard Law Review* 93, Nº 3 (1980).
13. Bell escreve:

Os negros nunca conquistarão plena igualdade neste país. Mesmo aqueles esforços hercúleos que saudamos como bem-sucedidos vão produzir não mais do que “picos de progresso” temporários, vitórias efêmeras que se tornam irrelevantes à medida que os padrões raciais se adaptam de maneiras a manter o domínio branco. Esse é um fato difícil de aceitar confirmado por toda a história. Devemos reconhecer isso e seguir em frente para adotar políticas baseadas no que chamo de “Realismo Racial”. Essa mentalidade ou filosofia exige que reconheçamos a continuidade do nosso status subordinado. Esse reconhecimento nos permite evitar o desespero e nos liberta para imaginar e implementar estratégias raciais capazes de trazer satisfação e até triunfo.

- DERRICK A. Bell, Jr., “Racial Realism”, *Connecticut Law Review* 24, nº 2 (1992).
14. Bell, *Brown v. Board*, esp. pp. 530-533.
 15. Alan David Freeman, “Legitimizing Racial Discrimination Through Anti-discrimination Law: A Critical Review of Supreme Court Doctrine”, *Minnesota Law Review* 62, nº 1049 (1978), scholarship.law.umn.edu/mlr/804.
 16. Mark Stern e Khuram Hussain, “On the Charter Question: Black Marxism and Black Nationalism”, *Race Ethnicity and Education* 18, nº 1 (2014).
 17. Como Delgado e Stefancic (Introduction, 106) afirmam:

Uma crítica interna persistente acusa o movimento de se afastar das suas raízes materialistas e se concentrar demais em assuntos de interesse de minorias de classe média – microagressões, ofensas raciais, discriminação

inconsciente e ação afirmativa no ensino superior. Se a opressão racial possui raízes materiais e culturais, atacar apenas a sua expressão ideativa ou linguística tende a fazer pouco pelas estruturas subjacentes da desigualdade, e menos ainda pelo drama dos extremamente pobres.

18. Patricia J. Williams, *The Alchemy of Race and Rights* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991).
19. Ver “About This Book” na página de *The Alchemy of Race and Rights*, de Patricia J. Williams, no catálogo on-line da Harvard University Press, www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674014718.
20. Harvard University Press, “Honoring the Work of Patricia Williams”. Blog da Harvard University Press, fevereiro de 2013, harvardpress.typepad.com/hup_publicity/2013/02/honoring-the-work-of-patricia-williams.html.
21. Angela P. Harris, “Race and Essentialism in Feminist Legal Theory”, *Stanford Law Review* 42, n° 3 (1990), 584.
22. Delgado e Stefancic, Introduction, 8-11.
23. Embora a Teoria crítica da raça tenha surgido nos Estados Unidos em resposta a um contexto racial histórico muito específico, ela não permaneceu nos Estados Unidos. A British Educational Research Association criou a sua própria lista de pressupostos da Teoria crítica da raça.

1. Centralidade do racismo
2. Supremacia branca
3. Vozes dos não brancos
4. Convergência de interesses
5. Interseccionalidade

CONCLUI-SE que:

A TCR se tornou rapidamente um ramo importante da teoria social e foi levada para além dos Estados Unidos, incluindo trabalhos na Europa, América do Sul, Austrália e África. Muitas vezes, ela é criticada por pessoas que

trabalham com perspectivas alternativas que consideram a ênfase em raça e racismo como equivocada ou até ameaçadora. Apesar de tais ataques, que costumam se basear na falta de compreensão e na simplificação excessiva da abordagem, a TCR continua a crescer e está se tornando uma das perspectivas mais importantes sobre a política e a prática da desigualdade racial no Reino Unido.

NICOLA Rollock e David Gillborn, “Critical Race Theory (CRT)”, BERA, 2011, www.bera.ac.uk/publication/critical-race-theory-crt.

24. Por exemplo, Payne Hiraldo, da Universidade de Vermont, estabeleceu cinco pressupostos da Teoria crítica da raça para uso no ensino superior, a saber:

Narrativas contestantes – “Uma estrutura que legitima as experiências raciais e subservientes de grupos marginalizados”. Como se acredita que a sociedade é construída a partir de narrativas ideológicas – discursos – de grupos dominantes, acredita-se que contranarrativas representem os conhecimentos previamente desprezados de grupos identitários marginalizados. Essa é a teoria do ponto de vista, que assume que pessoas de certas identidades possuem perspectivas, experiências e valores em comum que constituem formas alternativas de conhecimento, e que pertencer a um grupo identitário marginalizado confere acesso a um conjunto de conhecimentos mais rico que pode ser acessado por membros de grupos relativamente privilegiados.

A continuidade do racismo – A ideia de que o racismo é predominante e difundido em todas as esferas da sociedade norte-americana: política, social e econômica. Portanto, não pode ser derrotado pela legislação antidiscriminação, mas deve ser detectado em todos os tipos de sistemas e interações e, então, deve ser atacado.

Branquitude como propriedade – Um argumento complicado de que a “branquitude” – as construções sociais associadas a uma identidade branca – confere direitos de propriedade, devido a preconceitos e pressupostos arraigados com as suas raízes na escravidão. Muito parecido com o privilégio branco, postula que a discriminação sistemática velada continua a preservar a superioridade

dos brancos e maiores direitos de acesso e propriedade, e que isso só pode ser enfrentado pela ação afirmativa ou outras iniciativas de equidade.

Conversão de interesses – A crença de que as pessoas brancas e a sociedade branca que são entendidos como sendo supremacistas brancos só permitem avanços nos direitos das pessoas não brancas quando isso serve aos próprios interesses.

A crítica do liberalismo – O liberalismo é criticado pelas ideias universalistas, como ausência de preconceito racial, oportunidades iguais, direitos iguais e meritocracia. Considera-se que o liberalismo ignora o racismo sistêmico ao já assumir uma “condição de igualdade”.

PAYNE Hiraldo, “The Role of Critical Race Theory in Higher Education”, Vermont Connection 31, nº 7 (2010): Artigo 7, scholarworks.uvm.edu/tvc/vol31/iss1/7.

SUBJACENTE a todos esses pressupostos está a concepção pós-moderna de sociedade enquanto construída pelos discursos nos sistemas de poder e privilégio – o princípio do conhecimento e o princípio político pós-moderno. Esses pressupostos também defendem claramente a aplicação das interpretações e dos constructos teóricos, em vez da apresentação de evidências observáveis.

25. A Encyclopedia of Diversity in Education apresenta mais uma variação desses pressupostos básicos, mas enfatiza os objetivos políticos da Teoria crítica da raça com maior veemência. No subtítulo “Centrality of Racism”, Christine E. Sleeter escreve: “Os Teóricos críticos da raça assumem que o racismo não é uma aberração, mas sim um modo fundamental, endêmico e normalizado de organização da sociedade”. Christine E. Sleeter, “Critical Race Theory and Education”, in Encyclopedia of Diversity in Education, ed. James A. Banks (Thousand Oaks, CA: SAGE, 2012), 491.

SLEETER continua a identificar os seguintes pressupostos da Teoria crítica da raça:

1. Desafios a alegações de neutralidade, ausência de preconceito racial e meritocracia;

2. Brancos como beneficiários de soluções raciais (tese de convergência de interesses);
 3. Centralidade do conhecimento experiencial (narração de histórias contestantes; teoria do ponto de vista);
 4. Compromisso com o trabalho pela justiça social (“Em última análise, os teóricos críticos da raça estão comprometidos com o trabalho pela justiça social. Embora alguns teóricos considerem o racismo como incurável, a maioria espera que as análises profundas dele, juntamente com o desenvolvimento de ricas histórias contestantes sobre como as pessoas trabalharam contra o racismo, acabe por resultar na sua eliminação”).
26. Delgado e Stefancic, Introduction, 7.
 27. Ibid., 7-8.
 28. Ibid., 7-8.
 29. Ibid., 127.
 30. bell hooks, “Postmodern Blackness”, in *The Fontana Postmodernism Reader*, ed. Walter Truett Anderson (Londres: Fontana Press, 1996), 117.
 31. Kimberlé Crenshaw, “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics”, *University of Chicago Legal Forum* 1, nº 8 (1989), chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8.
 32. Kimberlé Crenshaw, “Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color”, *Stanford Law Review* 43, nº 6 (1991): 1224n9.
 33. Collins, *Black Feminist Thought*.
 34. Crenshaw, “Mapping the Margins”, 1297.
 35. Ibid., 1242.
 36. Ibid., 1296.
 37. Embora grande parte da Teoria crítica da raça tenha sido obra de acadêmicos afro-americanos, a área se ampliou nas últimas décadas, incluindo ramos

- latinos, asiáticos, muçulmanos e árabes. Todos esses grupos são vistos como tendo relações de subordinação diferentes com os brancos e até entre si. Para mais detalhes, ver Helen Pluckrose e James A. Lindsay, “Identity Politics Does Not Continue the Work of the Civil Rights Movements”, *Areo*, 26 de setembro de 2018, areomagazine.com/2018/09/25/identity-politics-does-not-continue-the-work-of-the-civil-rights-movements/.
38. Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, *Intersectionality* (Cambridge: Polity Press, 2018).
 39. Adam Fitzgerald, “Opinion: Time for Cis-Gender White Men to Recognise Their Privilege”, *news.trust.org*, 2 de maio 2019, news.trust.org/item/20190502130719-tpcky/.
 40. Jezzika Chung, “How Asian Immigrants Learn Anti-Blackness from White Culture, and How to Stop It!”, *Huffington Post*, 7 de setembro de 2017, www.huffpost.com/entry/how-asian-americans-can-stop-contributing-to-antiblackness_b_599f0757e4b0cb7715bfd3d4.
 41. Kristel Tracey, “We Need to Talk about Light-skinned Privilege”, *Media Diversified*, 7 de fevereiro de 2019, mediadiversified.org/2018/04/26/we-need-to-talk-about-light-skinned-privilege/.
 42. Damon Young, “Straight Black Men Are the White People of Black People”, *Root*, 19 de setembro de 2017, verysmartbrothas.theroot.com/straight-black-men-are-the-white-people-of-black-people-1814157214.
 43. Miriam J. Abelson, “Dangerous Privilege: Trans Men, Masculinities, and Changing Perceptions of Safety”, *Sociological Forum* 29, n° 3 (2014).
 44. Sara C., “When You Say ‘I Would Never Date A Trans Person,’ It’s Transphobic. Here’s Why”, *Medium*, 11 de novembro de 2018, medium.com/@QSE/when-you-say-i-would-never-date-a-trans-person-its-transphobic-here-s-why-aa6fdcf59aca.
 45. Iris Kuo, “The ‘Whitening’ of Asian Americans”, *Atlantic*, 13 de setembro de 2018, www.theatlantic.com/education/archive/2018/08/the-whitening-of-asian-americans/563336/; Paul Lungen, “Check Your Jewish

- Privilege”, Canadian Jewish News, 21 de dezembro de 2018, www.cjnews.com/livingjewish/check-your-jewish-privilege.
46. Zachary Small, “Joseph Pierce on Why Academics Must Decolonize Queerness”, Hyperallergic, 10 de agosto de 2019, hyperallergic.com/512789/joseph-pierce-on-why-academics-must-decolonize-queerness/.
47. Peter Tatchell, “Tag: Stop Murder Music”, Peter Tatchell Foundation, 13 de maio de 2016, www.petertatchellfoundation.org/tag/stop-murder-music/.
48. Arwa Mahdawi, “It’s Not a Hate Crime for a Woman to Feel Uncomfortable Waxing Male Genitalia”, Guardian, 27 de julho de 2019, www.theguardian.com/commentisfree/2019/jul/27/male-genitalia-week-in-patriarchy-women.
49. Pluckrose e Lindsay, “Identity Politics Does Not Continue the Work of the Civil Rights Movements”.
50. Collins e Bilge, Intersectionality, 30.
51. Rebecca Ann Lind, “A Note From the Guest Editor”, Journal of Broadcasting & Electronic Media 54 (2010): 3.
52. Cho, Crenshaw e McCall identificam três “conjuntos de engajamentos” sobrepostos:

(...) o primeiro consistindo de aplicações de uma estrutura interseccional ou investigações de dinâmica interseccional; o segundo consistindo de debates discursivos sobre o escopo e o conteúdo da interseccionalidade como paradigma teórico e metodológico; e o terceiro consistindo de intervenções políticas que empregam uma lente interseccional.

- SUMI Cho, Kimberlé Williams Crenshaw e Leslie McCall, “Toward a Field of Intersectionality Studies: Theory, Applications, and Praxis”, Signs: Journal of Women in Culture and Society 38, nº 4 (2013): 785.
53. Ange-Marie Hancock, Intersectionality: An Intellectual History (Nova York: Oxford University Press, 2016), 5.
54. Ibid., 5.

55. Ibid., 6.
56. Estes Hancock menciona como Crenshaw e Collins; o original é o francês branco Michel Foucault (*Intellectual History*, 9).
57. Hancock (*Intellectual History*, 17) comenta:

Como será que os estudiosos da interseccionalidade encontram um meio-termo entre uma conceituação impossível da interseccionalidade como propriedade intelectual e uma conceituação destrutiva da interseccionalidade como meme, que muda tanto de forma que já não é reconhecível como algo diferente de um meme que viralizou?

58. Crenshaw afirma:

Algumas pessoas olham para a interseccionalidade como uma grande teoria de tudo, mas essa não é a minha intenção. Se alguém está tentando pensar em como explicar a um tribunal por que não deve rejeitar um processo movido por uma mulher negra só porque o empregador contratou homens que eram negros e mulheres que eram brancas, bem, é para isso que a ferramenta foi idealizada. Se funcionar, ótimo. Caso contrário, não é como se você tivesse que usar esse conceito. A outra questão é que a interseccionalidade pode ser usada como um termo genérico para significar: “Bem, é complicado”. Às vezes, “É complicado” é uma desculpa para não fazer nada.

KIMBERLÉ Crenshaw, “Kimberlé Crenshaw on Intersectionality, More than Two Decades Later”, Columbia Law School, junho de 2017, www.law.columbia.edu/pt-br/news/2017/06/kimberle-crenshaw-intersectionality.

59. Ver Robin J. DiAngelo, “White Fragility”, *International Journal of Critical Pedagogy* 3, nº 3 (2011) e Robin J. DiAngelo, *White Fragility: Why It’s so Hard for White People to Talk about Racism* (Londres: Allen Lane, 2019).
60. Greg Lukianoff e Jonathan Haidt, *The Coddling of the American Mind: How Good Intentions and Bad Ideas Are Setting Up a Generation for Failure* (Nova York: Penguin Books, 2019).

61. Ver Heather Bruce, Robin DiAngelo, Gyda Swaney (Salish) e Amie Thurber, “Between Principles and Practice: Tensions in Anti-Racist Education” (painel, 2014 Race & Pedagogy National Conference, Universidade de Puget Sound), vídeo postado pela Collins Memorial Library, vimeo.com/116986053.
62. Bruce et al, *Tensions*, 2014.
63. *Ibid.*, 2014.
64. James Lindsay, “Postmodern Religion and the Faith of Social Justice”, *Areo Magazine*, 26 de dezembro de 2018, areomagazine.com/2018/12/18/postmodern-religion-and-the-faith-of-social-justice/.
65. David Rock e Heidi Grant, “Is Your Company’s Diversity Training Making You More Biased?” *Psychology Today*, 7 de junho de 2017, www.psychologytoday.com/intl/blog/your-brain-work/201706/is-your-company-s-diversity-training-making-you-more-biased.

CAPÍTULO 6

1. Stevi Jackson, “Why a Materialist Feminism Is (Still) Possible – and Necessary”, *Women’s Studies International Forum* 24, nº 3-4 (2001).
2. Nos Estados Unidos: Barbara J. Risman, “Good News! Attitudes Moving Toward Gender Equality”, *Psychology Today*, 17 de dezembro de 2018, www.psychologytoday.com/gb/blog/gender-questions/201812/good-news-attitudes-moving-toward-gender-equality; no Reino Unido: Radhika Sanghani, “Only 7 per Cent of Britons Consider Themselves Feminists”, *Telegraph*, 15 de janeiro de 2016, www.telegraph.co.uk/women/life/only-7-percent-of-britons-consider-themselves-feminists/.
3. É praticamente certo que deixamos de fora pelo menos um campo feminista aqui, e é igualmente provável que ouviremos sobre isso como resultado.
4. Para evitar atrair a ira feminista interseccional contra nós – como se isso fosse possível –, aqui notamos que grande parte dos ramos do feminismo

rejeita o “modelo de onda linear” que vê uma primeira onda do feminismo que lutou pelo sufrágio feminino seguido por um modelo liberal de segunda onda que expandiu os direitos das mulheres legalmente em casa, no ambiente de trabalho e na sociedade, seguido por uma terceira onda que é interseccional (e, às vezes, uma quarta onda que se concentra principalmente na aplicação de uma visão radicalmente expandida de assédio sexual por meio de conceitos como cultura de estupro). A rejeição do modelo de onda linear é sobretudo verdadeira para muitos ramos do pensamento feminista negro e interseccional.

5. Parafraaseado de Judith Lorber, “Shifting Paradigms and Challenging Categories”, *Social Problems* 53, n° 4 (2006): 448.
6. Simone de Beauvoir, *The Second Sex*, tradução para o inglês de H. M. Parshley (Nova York: Vintage Books, 1974).
7. Betty Friedan, *The Feminine Mystique* (Nova York: W. W. Norton & Company, 2013).
8. Kate Millett, Catharine A. MacKinnon e Rebecca Mead, *Sexual Politics* (Nova York: Columbia University Press, 2016).
9. Germaine Greer, *The Female Eunuch* (Londres: Fourth Estate, 2012).
10. Lorber escreve: “Na hegemonia dos homens dominantes, como uma adaptação da ideia de Gramsci (1971) de elites dominantes e consciência de classe marxista, era fácil ver as mulheres como uma classe subordinada na divisão doméstica do trabalho” (“Shifting Paradigms,” 448).
11. *Ibid.*, 449.
12. Jane Pilcher e Imelda Whelehan, *Key Concepts in Gender Studies* (Los Angeles: Sage, 2017), xiii.
13. Pilcher e Whelehan, *Key Concepts*.
14. *Ibid.*, xiii.
15. Nas palavras de Pilcher e Whelehan (*ibid.*, xiii):

(...) [os estudos de gênero] têm sido um fator chave para o maior reconhecimento da diversidade e da diferença. As desigualdades e as diferenças, não apenas entre gêneros, mas dentro dos gêneros, com base em classe, sexualidade, etnia, idade, nacionalidade, religião e status de cidadania, por exemplo, agora são atendidas.

16. Ibid., xiii.

17. Lorber, “Shifting Paradigms,” 449.

18. Ibid., 448.

19. Ibid., 448

20. Ibid., 448

21. Ibid., 448

22. Não devemos interpretar isso como significando que toda feminista se tornou uma feminista interseccional do pós-modernismo aplicado no início da década de 2000 ou que toda feminista é uma agora. Na verdade, é improvável que até mesmo uma maioria seja, exceto em certos enclaves, como a academia. Feministas de dezenas de estirpes ainda existem, são ativas e brigam entre si, mas o ramo interseccional domina tanto o ativismo quanto o estudo acadêmico.

AS feministas radicais, as feministas liberais e as feministas materialistas – entre muitos outros tipos – ainda existem e são bastante ativas. As radicais e as materialistas estão interessadas nas realidades materiais da economia, do direito e do governo, e aceitam a existência das verdades objetivas, ao passo que as pós-modernas – e as suas descendentes, as interseccionalistas – estão interessadas em como os discursos constroem conhecimento e impõem poder (o princípio do conhecimento pós-moderno e o princípio político pós-moderno). Em última análise, ambos os tipos de feministas acreditam que o gênero é um constructo cultural, mas, enquanto as feministas materialistas radicais acreditam que foi construído por homens para oprimir as mulheres (um entendimento tipicamente marxista do poder como atuando de cima), as interseccionalistas creem que o poder de impor o gênero impregna toda a sociedade na forma de discursos – como falamos sobre as coisas –, e que

a libertação só pode vir da disrupção da estabilidade e da relevância das categorias de sexo, gênero e sexualidade, incluindo aquelas nas quais as feministas radicais se baseiam. Isso as coloca em dificuldades consideráveis.

O conflito mais reconhecível entre feministas radicais e interseccionais ocorre no campo de batalha extremamente hostil entre ativistas trans pós-modernas – que acreditam na autoidentificação de gênero, o que exige a aceitação de mulheres trans como mulheres, por exemplo – e feministas radicais críticas do gênero (muitas vezes chamadas depreciativamente de Feministas Radicais Trans-Excludentes ou TERFs (na sigla em inglês)) –, que consideram que o gênero é uma imposição opressora e as mulheres trans são homens cúmplices dessa opressão. Há um conflito semelhante, muitas vezes envolvendo as mesmas feministas, entre aquelas que são favoráveis ao trabalho sexual realizado por mulheres e aquelas feministas radicais (muitas vezes chamadas depreciativamente de Feministas Radicais Excludentes de Trabalhadoras Sexuais ou SWERFs (na sigla em inglês)), que consideram o trabalho sexual uma exploração das mulheres.

NAS décadas de 1970 e 1980, os pontos de vista feminista radical e materialista dominaram as universidades, mas – após a virada para o pós-modernismo aplicado e a criação do feminismo interseccional, da Teoria Queer e do feminismo pós-colonial – as feministas interseccionais, os teóricos queer e os ativistas trans conquistaram o domínio. Isso levou ao boicote de figuras feministas outrora populares como Germaine Greer e Julie Burchill por suas opiniões sobre identidade trans e trabalho sexual. As feministas radicais também enfrentaram críticas ferinas de feministas pós-coloniais e interseccionais porque enxergam as mulheres como uma classe e, portanto, opõem-se frequentemente ao relativismo cultural. São críticas da opressão das mulheres sob o Islã, por exemplo, e as acadêmicas pós-coloniais e interseccionais às vezes enxergam isso como uma universalização imperialista.

23. Outro exemplo desse fenômeno pode ser encontrado entre as seitas cristãs que reinterpretam as promessas de Jesus de retorno em uma geração para instituir espiritualmente o Reino de Deus (Mateus 24:34 e em outros lugares) como tendo acontecido de diversas maneiras, como no céu ou mediante a criação da própria religião cristã.

24. Leon Festinger, Henry W. Riecken e Stanley Schachter, *When Prophecy Fails: A Social and Psychological Study of a Modern Group That Predicted the Destruction of the World* (Nova York: Harper Torchbooks, 1956).
25. Um exemplo adequado dessa nova linha de pensamento feminista é o livro premiado e influente *Down Girl: The Logic of Misogyny*, de Kate Manne, professora de filosofia da Universidade Cornell, que afirma que a misoginia é mais bem compreendida como uma característica sistêmica da sociedade, pela qual a inferioridade das mulheres é imposta socialmente, mesmo que misóginos reais sejam raros ou inexistentes. Ver Kate Manne, *Down Girl: The Logic of Misogyny* (Nova York: Oxford University Press, 2018).
26. Candace West e Don H. Zimmerman, “Doing Gender,” *Gender & Society* 1, nº 2 (1987).
27. *Ibid.*, 126.
28. *Ibid.*, 137.
29. *Ibid.*, 142.
30. Os autores (*ibid.*, 146) escrevem:

Se fizermos o gênero de maneira apropriada, simultaneamente sustentamos, reproduzimos e tornamos legítimos os arranjos institucionais baseados na categoria de sexo. Se deixarmos de fazer o gênero de maneira apropriada, nós, como indivíduos – não os arranjos institucionais –, poderemos ter de prestar contas (pelo nosso caráter, pelos nossos motivos e predisposições).

31. Catherine Connell, “Doing, Undoing, or Redoing Gender?” *Gender & Society* 24, nº 1 (2010): 31-55.
32. Pilcher e Whelehan, *Key Concepts*, 54.
33. Crenshaw, “Mapping the Margins”, 1297.
34. Pilcher e Whelehan, *Key Concepts*, 42.
35. *Ibid.*, 43.

36. Nancy J. Hirschmann, “Choosing Betrayal”, *Perspectives on Politics* 8, nº 1 (2010).
37. bell hooks, “Racism and Feminism: The Issue of Accountability”, in *Making Sense of Women’s Lives: An Introduction to Women’s Studies*, ed. Lauri Umansky, Paul K. Longmore e Michele Plott (Lanham, MD: Rowman & Littlefield).
38. Collins, *Black Feminist Thought*.
39. Patricia Hill Collins, “Toward a New Vision: Race, Class, and Gender as Categories of Analysis and Connection”, *Race, Sex & Class* 1, nº 1 (1993): 38-39.
40. A feminista socialista Linda Gordon (p. 348) escreve:

O conceito de interseccionalidade também começou a se concentrar em algumas posições sociais mais do que em outras. De particular preocupação na redução do potencial de interseccionalidade como conceito é o descaso em relação à desigualdade de classe. Um exemplo: um programa de estudos da suny – Albany School of Social Work contém um “módulo” sobre interseccionalidade que especifica identidades de gênero, idade, grupo étnico ou raça e carreira profissional como influências a serem consideradas. Desprezar a desigualdade econômica ou de classe – e tenho consciência de que essas duas coisas não são idênticas de forma alguma – é um fenômeno comum e sobredeterminado.

ELA continua (p. 353):

Poucos dos principais sites de ativismo/interseccionalidade que descobri – sejam eles predominantemente negros, predominantemente femininos ou ambos – discutem os problemas das pessoas de baixa renda, como a proibição de financiamento federal para aborto, o alto custo de creches decentes, a falta de licença parental e licença médica remuneradas, desemprego, condições carcerárias, crédito educativo, despesas com medicamentos, salários mínimos baixos e roubo de salários.

- LINDA Gordon, “‘Intersectionality’, Socialist Feminism and Contemporary Activism: Musings by a Second-Wave Socialist Feminist”, *Gender & History* 28, n° 2 (2016).
41. Peggy McIntosh, *On Privilege, Fraudulence, and Teaching As Learning: Selected Essays 1981–2019* (Nova York: Taylor & Francis, 2019), 29-34.
 42. Ver análises jornalísticas: Janet Daley, “The Bourgeois Left Has Abandoned the Working Class to the Neo-fascists”. *Telegraph*, 14 de janeiro de 2018. www.telegraph.co.uk/news/2018/01/14/bourgeois-left-has-abandoned-working-class-neo-fascists/; Michael Savage, “‘Cities Are Now Labour Heartland, with Working-class Turning Away’”. *Guardian*. 22 de setembro de 2018. www.theguardian.com/politics/2018/sep/22/cities-are-now-labour-heartland-as-traditional-working-class-desert; Paul Embery, “Why Does the Left Sneer at the Traditional Working Class?” *UnHerd*. 5 de abril de 2019. unherd.com/2019/04/why-does-the-left-sneer-at-the-traditional-working-class/; Sheri Berman, “Why Identity Politics Benefits the Right More than the Left”. *Guardian*. 14 de julho de 2018. www.theguardian.com/commentisfree/2018/jul/14/identity-politics-right-left-trump-racism.
 43. Gordon, “Musings”, 351.
 44. Suzanna Danuta Walters, “Why Can’t We Hate Men?” *Washington Post*, 8 de junho de 2018, www.washingtonpost.com/opinions/why-cant-we-hate-men/2018/06/08/f1a3a8e0-6451-11e8-a69c-b944de66d9e7_story.html?noredirect=on.
 45. Michael S. Kimmel, *The Politics of Manhood: Profeminist Men Respond to the Mythopoetic Men’s Movement (and the Mythopoetic Leaders Answer)* (Filadélfia: Temple University Press, 1995).
 46. Raewyn Connell, *Masculinities* (Vancouver: Langara College, 2018).
 47. Terry A. Kupers, “Toxic Masculinity as a Barrier to Mental Health Treatment in Prison”, *Journal of Clinical Psychology* 61, n° 6 (2005).
 48. Convém assinalar que a eleição de Donald Trump para o cargo de presidente dos Estados Unidos é tratada de dentro da Teoria como a melhor confirmação possível das insistências de que a sociedade é secreta e inerentemente

racista, sexista e todas as outras maneiras de intolerância, e que a necessidade de expor isso por meio de mais Teoria é mais importante e urgente do que nunca. (Ver Lisa Wade, “The Big Picture: Confronting Manhood after Trump”, Public Books, 4 de janeiro de 2019, www.publicbooks.org/big-picture-confronting-manhood-trump/.)

49. American Psychological Association, “APA Guidelines to Psychological Practice with Boys and Men”, 2018, www.apa.org/about/policy/boys-men-practice-guidelines.pdf.
50. Nancy E. Dowd, *The Man Question: Male Subordination and Privilege* (Nova York University Press, 2016).
51. Eric Anderson, *Inclusive Masculinity: The Changing Nature of Masculinities* (Londres: Routledge, 2012).
52. Frequentemente, essa ideia é atribuída ao livro da acadêmica feminista e pós-colonial Sandra Harding, *Feminism and Methodology: Social Science Issues* (Bloomington, IN: Indiana University Press, 1996). Talvez Harding tenha sido mais influente por desenvolver a ideia de “objetividade forte” na teoria do ponto de vista, e talvez seja mais famosa por se referir à obra *Principia Mathematica*, de Isaac Newton, como um “manual de estupro” no seu livro *The Science Question in Feminism*, de 1986, que ela posteriormente declarou haver se arrependido de ter escrito. Sandra G. Harding, *The Science Question in Feminism* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1993).
53. Steven Pinker, *Enlightenment Now: The Case for Reason, Science, Humanism and Progress* (Penguin Books, 2019).
54. Armin Falk e Johannes Hermle, “Relationship of Gender Differences in Preferences to Economic Development and Gender Equality”, *Science* 362, n° 6412 (2018): eaas9899.

CAPÍTULO 7

1. Essa notação estranha é relativamente comum em disciplinas que utilizam os métodos e os meios pós-modernos. Nesse caso, significa o estudo do deficiente e do não deficiente ao mesmo tempo.

2. Oliver et al. escrevem:

O “modelo individual” de deficiência pressupõe que os problemas experimentados pelas pessoas com deficiência são consequência direta da sua incapacidade, o que leva os profissionais a tentarem ajustar o indivíduo à sua condição específica de deficiência. É provável que exista um programa de reabilitação idealizado para fazer o indivíduo retornar ao estado mais próximo do normal possível.

MICHAEL Oliver, Bob Sapey e Pam Thomas, *Social Work with Disabled People* (Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012), 12.

3. *Ibid.*, 16.

4. *Ibid.*, 19.

5. Brown, in Jennifer Scuro, *Addressing Ableism: Philosophical Questions via Disability Studies* (Lanham, MD: Lexington Books, 2019), 48.

6. “Crip” em “crip theory” é uma contração de “cripple” [“aleijado”]. Assumir esse termo sobre eles mesmos e a sua Teoria é um ato de “essencialismo estratégico”, como descrito por Spivak.

7. Robert McRuer e Michael Bérubé, *Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability* (Nova York University Press, 2006), 8.

8. Ver a transcrição da conversa de Jennifer Scuro com Devonya N. Havis, em que Havis comenta:

Acho que chego a isso com uma lente foucaultiana. Não é especificamente a deficiência como tal, mas também a dinâmica de poder sistêmica e estrutural que determina o que vai contar como a “norma” e os processos pelos quais aquelas coisas que estão fora do que é considerado “normal” serão gerenciadas e submetidas a formas de “punição” concebidas para assegurar o cumprimento das normas estabelecidas. Essa dinâmica de poder e a sua aplicação podem ser exploradas historicamente por meio de instituições e em termos de batalhas conceituais. Para Foucault, o crucial é a necessidade de examinar os processos pelos quais certas práticas se estabelecem como

racionais, normais e desejáveis. É seguramente verdade que as histórias de racialização, atribuições de sexo e diferenças sexuais, assim como o que é considerado “anormal”, possuem tais histórias e relações de aplicações de poder que privilegiam certas raças, sexos e certo sentido do que conta como capaz. A esse respeito, acho que Foucault é útil para apontar o poder operante em como concepções específicas do que conta como normal foram naturalizadas. Foucault percebe claramente a construção da norma e das categorias que ficam fora das normas estabelecidas como mecanismos que influenciam a maneira pela qual as pessoas são categorizadas. Ele chega a desenvolver uma concepção de “racismo” em relação ao anormal. Para mim, isso tem sido uma maneira instrutiva de interrogar categorias que costumamos considerar básicas ou dadas. Em que condições e com que interesses em mente emergem essas categorias?

(HAVIS, in Scuro, *Addressing Ableism*, 72)

9. Dan Goodley, *Dis/ability Studies: Theorising Disablism and Ableism* (Nova York: Routledge, 2014), 3.
10. Goodley escreve: “Discursos, estratégias e modos atuam na população e no indivíduo. O biopoder possui alvos micro e macro”. (Ibid., 32)
11. Ibid., 26.
12. Ibid., 36.
13. Ibid., 35.
14. Ibid., 8.
15. Fiona Kumari Campbell, *Contours of Ableism: The Production of Disability and Aabledness*. (Nova York: Palgrave Macmillan, 2012).
16. Ibid., 5.
17. Ibid., 6.
18. Ibid., 17.
19. Ibid., 28.
20. Brown, in Scuro, *Addressing Ableism*, 70.

21. “Tornou-se parte da minha identidade ser suicida”, como documentado aqui por Andrew Sullivan. “Andrew Sullivan: The Hard Questions about Young People and Gender Transitions”, *Intelligencer*, 1º de novembro de 2019, nymag.com/intelligencer/2019/11/andrew-sullivan-hard-questions-gender-transitions-for-young.html.
22. Joseph P. Shapiro, *No Pity: People with Disabilities Forging a New Civil Rights Movement* (Nova York: Times Books, 1994), 3.
23. Shapiro, *No Pity*, 20.
24. Brown and Scuro, in Scuro, *Addressing Ableism*, 92-94.
25. Às vezes, os aparelhos auditivos não restauram a audição diretamente, mas resultam em alguma melhora na audição ao custo de ter que suportar ruídos desagradáveis e invasivos, o que leva as pessoas surdas a achar a “cura” pior do que o problema.
26. Ver Bradley Campbell e Jason Manning, *The Rise of Victimhood Culture: Microaggressions, Safe Spaces, and the New Culture Wars* (Nova York: Palgrave Macmillan, 2018).
27. “Naafa – We Come in All Sizes”, National Association to Advance Fat Acceptance, www.naafaonline.com/dev2/ (acessado em 21 de agosto de 2019).
28. Micaela Foreman, “The Fat Underground and the Fat Liberation Manifesto”, *Feminist Poetry Movement*, 20 de dezembro de 2018, sites.williams.edu/eng1113-f18/foreman/the-fat-underground-and-the-fat-liberation-manifesto/.
29. Association for Size Diversity and Health (ASDAH), www.sizediversityandhealth.org/index.asp (acessado em 21 de agosto de 2019).
30. Linda Bacon, *Health at Every Size: The Surprising Truth about Your Weight* (Dallas, TX: BenBella Books, 2010).
31. O manifesto baseado no livro de Bacon parece estar mais de acordo com o movimento liberal da positividade corporal, que possui um etos enaltecedor.

Recuse-se a lutar em uma guerra injusta. Junte-se ao novo movimento pela paz: “Health at Every Size” (HAES). O HAES reconhece que o bem-estar

e os hábitos saudáveis são mais importantes do que qualquer número na balança. Para participar é muito simples:

1. Aceite o seu tamanho. Ame e valorize o corpo que você tem. A autoaceitação permite que você siga em frente e faça mudanças positivas.
2. Confie em você. Todos nós temos sistemas internos projetados para nos manter saudáveis – e com um peso saudável. Ajude o seu corpo a encontrar naturalmente o seu peso apropriado, respeitando os seus sinais de fome, saciedade e apetite.

LINDA Bacon, “Health at Every Size: Excerpts and Downloads”, Linda-Bacon.org, n.d., lindabacon.org/health-at-every-size-book/haes-excerpts-and-downloads/.

32. Veja esses metaestudos que abordam as afirmações do HAES: Caroline K. Kramer, Bernard Zinman e Ravi Retnakaran, “Are Metabolically Healthy Overweight and Obesity Benign Conditions?: A Systematic Review and Meta-analysis”, *Annals of Internal Medicine* 159 n° 11 (3 de dezembro de 2013), annals.org/aim/article-abstract/1784291/metabolically-healthy-overweight-obesity-benign-conditions-systematic-review-meta-analysis?doi=10.7326/0003-4819-159-11-201312030-00008; Lara L. Roberson et al., “Beyond BMI: The ‘Metabolically Healthy Obese’ Phenotype and Its Association with Clinical/Subclinical Cardiovascular Disease and All-Cause Mortality – A Systematic Review”, *BMC Public Health* 14, n° 1 (2014): artigo 14.
33. O site da ASDAH afirma que o seu compromisso com a inclusão:

abrange a diversidade baseada na etnia, raça, nacionalidade, status de imigração, identidade de gênero, orientação sexual, idade, espiritualidade, aptidões, educação, classe econômica, classe social, forma e tamanho do corpo, e outros. Os sistemas de opressão não ocorrem isoladamente. Como eles têm impacto cumulativo, não podemos desmantelar a opressão peso/tamanho sem abordar a interseccionalidade de todas as opressões. Portanto, nós da ASDAH acreditamos que trabalhar de forma inclusiva e interseccional é a única maneira de criar um mundo onde todos os corpos estão seguros e são valorizados.

34. Fat Studies, Taylor e Francis, on-line.
35. Charlotte Cooper, *Fat Activism: A Radical Social Movement* (Bristol, Inglaterra: HammerOn Press, 2016), 145. Cooper observa: “Geralmente, o separatismo do feminismo lésbico radical é construído em oposição à terceira onda do feminismo queer” (p. 145). Lembre-se de que também vimos essa mudança nos estudos de gênero na distinção entre as feministas radicais consideradas transexcludentes e as feministas interseccionais que são ativistas trans. Lembre-se também de que as divisões entre materialistas e pós-modernas são importantes tanto na Teoria pós-colonial como na Teoria crítica da raça.
36. Esse novo alinhamento pode ser visto no prefácio do *Fat Studies Reader*, que enfoca os desenvolvimentos teóricos:

Como os estudos feministas, os estudos queer e os estudos sobre deficiência, que consideram o gênero, a sexualidade ou a diferença funcional, os estudos sobre o corpo gordo podem nos mostrar quem somos pela lente do peso. Os estudos sobre o corpo gordo podem propor uma análise solidária com a resistência a outras formas de opressão, apresentando uma visão nova e única da alienação.

MARILYN Wann, “Foreword”, in *The Fat Studies Reader*, ed. Esther D. Rothblum e Sondra Solovay (New York University Press, 2009), xxii.

TAMBÉM aparece no texto mais acessível *Fat Shame*, que começa da seguinte forma:

A maneira pela qual a difamação gorda se sobrepõe à discriminação racial, étnica e nacional; as conexões entre ambas (difamação gorda e étnica) e o privilégio de classe; e, finalmente, os modos como todos esses elementos (difamação gorda, discriminação étnica e privilégio de classe) se interseccionam com o gênero e a construção do que significa ser uma “garota popular”; um sujeito generificado devidamente constituído.

AMY Erdman Farrell, *Fat Shame: Stigma and the Fat Body in American Culture* (New York University Press, 2011), 3. Este livro enfoca raça e gênero, afirmando que “a difamação gorda está intrincadamente relacionada ao gênero e também às hierarquias raciais, em particular o desenvolvimento histórico da ‘branquitude’” (Farrell, *Fat Shame*, 5).

ESSA abordagem interseccional também é retomada pelo livro *You Have the Right to Remain Fat*:

Uma mulher gorda cisgênero tende a ser tratada de maneira diferente que uma mulher gorda trans. (...) As mulheres gordas trans experimentam a violência existente no ponto de conexão de sexismo, gordofobia e transfobia. A raça é outro fator atenuante. Quanto mais clara a pessoa, mais valorizada culturalmente ela é. Assim, a branquitude ou a pele clara podem suavizar o viés negativo gordo, enquanto as mulheres de pele escura podem sentir maior hostilidade devido aos efeitos combinados de colorismo e gordofobia.

VIRGIE Tovar, *You Have the Right to Remain Fat* (Nova York: Feminist Press, 2018), 67-68.

37. Cooper, *Fat Activism*, 4.

38. *Ibid.*, 36.

39. *Ibid.*, 35.

40. Ela escreve: “A obra de Michael Foucault (1980) nos mostrou que colocar corpos sob o microscópio da ciência, em nome de projetos liberais de aperfeiçoamento pessoal, de fato reinscreve os seus desvios e aumenta a sua opressão” (in Rothblum e Solovay, *Reader*, 70).

41. No seu ensaio “Disappeared Feminist Discourses on Fat in Dietetic Theory and Practice”, Lucy Aphramor e Jacqui Gringas escrevem:

Butler nos lembra de que, enquanto continuamos tentando mudar o mundo, permanecemos extremamente ligados ao mundo como ele é pelo desejo e pela necessidade de reconhecimento. Além disso, não somos obrigados a

prestar contas de nós mesmos do nosso mau uso e mal-entendidos do poder, discurso e conhecimento.

(IN Rothblum e Solovay, Reader, 102)

42. Cooper, *Fat Activism*, 24.

43. Wann, in Rothblum e Solovay, Reader, xi.

44. Tovar, *Remain Fat*, 371.

45. Cooper, *Fat Activism*, 169.

46. *Ibid.*, 175.

47. *Ibid.*, 175.

48. Wann, in Rothblum e Solovay, Reader, xiii.

49. *Ibid.*, xiii.

50. LeBesco, in Rothblum e Solovay, Reader, 70.

51. Allyson Mitchell, “Sedentary Lifestyle: Fat Queer Craft”, *Fat Studies* 7, n° 2 (2017): 11.

52. LeBesco, in Rothblum e Solovay, Reader, 83.

53. Aphramor e Gringas, in Solovay, Reader, 97.

54. *Ibid.*, 97.

55. *Ibid.*, 100.

56. *Ibid.*, 100.

57. John Coveney e Sue Booth, *Critical Dietetics and Critical Nutrition Studies* (Cham, Suíça: Springer, 2019), 18.

58. Cooper, *Fat Activism*, 7.

59. *Ibid.*, 2.

CAPÍTULO 8

1. Alan Sokal e Jean Bricmont, *Fashionable Nonsense: Postmodern Intellectuals Abuse of Science* (Nova York: St. Martin's Press, 1999).
2. Ver, por exemplo: Ruth Bleier, *Science and Gender: A Critique of Biology and Its Theories on Women* (Nova York: Pergamon Press, 1984); Donna Haraway, "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective", *Feminist Studies* 14, nº 3 (1988).
3. Kristie Dotson, "Tracking Epistemic Violence: Tracking Practices of Silencing", *Hypatia* 26, nº 2 (2011).
4. Hancock, *Intersectionality*, 1.
5. As "guerras da ciência" referem-se a uma série de debates acalorados entre cientistas naturais e acadêmicos pós-modernos sobre a natureza objetiva ou socialmente construída do conhecimento que ocorreu na década de 1990, principalmente nos Estados Unidos.
6. Fricker, *Epistemic Injustice*. Embora o termo "injustiça epistêmica" tenha sido atribuído a Fricker, os argumentos de que as pessoas podem ser prejudicadas no seu relacionamento com o conhecimento são muito mais antigos. Como Amy Allen sustenta: "Michel Foucault poderia muito bem ser considerado um teórico da injustiça epistêmica *avant la lettre*". Amy Allen, "Power/Knowledge/Resistance: Foucault and Epistemic Injustice", *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, ed. Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr. (Londres: Routledge, 2017), 187.
7. Ver, por exemplo: Rae Langton, "Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing by Miranda Fricker", resenha do livro, *Hypatia* 25 nº 2 (2010); Elizabeth Anderson, "Epistemic Justice as a Virtue of Social Institutions", *Social Epistemology* 26, nº 2 (2012).
8. O que é "injustiça epistêmica"? É uma espécie de filosofia da Justiça Social. Como Kidd, Medina e Pohlhaus afirmam:

(...) [ela funciona] tanto como um fenômeno quanto como um tópico de estudo; obviamente se conecta e se infiltra nos principais movimentos sociais e intelectuais, como feminismo, hermenêutica, teoria crítica da raça, estudos sobre deficiência, e epistemologias queer, trans e de descolonização.

IAN James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., “Introduction”, in *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, ed. Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr. (Londres: Routledge, 2017), 1.

9. Kristie Dotson, “Conceptualizing Epistemic Oppression”, *Social Epistemology* 28, nº 2 (2014).
10. A descrição de Spivak de violência epistêmica se baseia nos pensamentos de Foucault acerca de opressão sob uma episteme predominante, e esses pensamentos correspondem ao conceito de violência simbólica apresentado na década de 1970 pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Para Bourdieu, a violência simbólica ocorre sempre que uma pessoa é levada a acreditar que deve aceitar a sua opressão. Esses dois conceitos semelhantes ajudam a explicar por que o estudo acadêmico e o ativismo referentes à Justiça Social identificam tão prontamente a fala desagradável como uma forma de violência.
11. Nora Berenstain, “Epistemic Exploitation”, *Ergo* 3, nº 22 (2016).
12. José Medina, “Varieties of Hermeneutical Injustice”, in *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, ed. Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr. (Londres: Routledge, 2017).
13. Jeremy Wanderer, “Varieties of Testimonial Injustice”, in *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, ed. Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr. (Londres: Routledge, 2017).
14. Susan E. Babbit, “Epistemic and Political Freedom”, in *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, ed. Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr. (Londres: Routledge, 2017).
15. Lorraine Code, “Epistemic Responsibility”, in *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, ed. Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr. (Londres: Routledge, 2017).

16. Heidi Grasswick afirma: “Dada a sua força epistêmica e influência política, as instituições científicas e as suas práticas precisam ser investigadas como possíveis locais e fontes de injustiça epistêmica”. Portanto, simplesmente porque conquistaram um prestígio tão elevado, a ciência e a razão devem ser suspeitas de terem algum tipo de vantagem epistêmica injusta. Grasswick continua:

Que o racismo e o sexismo, entre outras formas de opressão, moldaram significativamente as práticas e os resultados da ciência está agora bem documentado pelos acadêmicos de ciência pós-colonial e de estudos de tecnologia, teóricas feministas, filósofos da ciência e também por teóricos críticos da raça.

HEIDI Grasswick, “Epistemic Injustice in Science”, in *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, ed. Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr. (Londres: Routledge, 2017), 313.

17. *Ibid.*, 313.
18. Kristie Dotson, “How Is This Paper Philosophy?” *Comparative Philosophy* 3, nº 1 (2012).
19. Code, “Epistemic Responsibility”.
20. Allison B. Wolf, “‘Tell Me How That Makes You Feel’: Philosophy’s Reason/Emotion Divide and Epistemic Pushback in Philosophy Classrooms”, *Hypatia* 32, nº 4 (2017): 893-910, doi.org/10.1111/hypa.12378.
21. Alexis Shotwell, “Forms of Knowing and Epistemic Resources”, in *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, ed. Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr. (Londres: Routledge, 2017), 79.
22. *Ibid.*, 81.
23. Alison Bailey, “The Unlevel Knowing Field: An Engagement with Dotson’s Third-Order Epistemic Oppression”, *Social Epistemology Review and Reply Collective* 3, nº 10 (2014), ssrn.com/abstract=2798934.

24. Nancy Tuana, “Feminist Epistemology: The Subject of Knowledge,” in *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, ed. Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr. (Londres: Routledge, 2017), 125.
25. José Medina, *The Epistemology of Resistance: Gender and Racial Oppression, Epistemic Injustice, and Resistant Imaginations* (Nova York: Oxford University Press, 2013), 44.
26. A Teórica feminista Sandra Harding, escrevendo no final da década de 1980 e no início da década de 1990, chamou essa visão extra de “objetividade forte”. Sandra Harding, “Rethinking Standpoint Epistemology: What Is ‘Strong Objectivity’?” *Centennial Review* 36, n° 3 (1992).
27. A teoria do ponto de vista está mais associada à obra da acadêmica feminista Sandra Harding da década de 1980, mas, ao contrário dos Teóricos contemporâneos, Harding não achava que tinha de ser membro de um determinado grupo para se imaginar na sua posição. Assim, o seu trabalho, como o de Fricker, mantém uma certa confiança na capacidade das pessoas de sentir empatia por membros de outros grupos. Sandra Harding, *Whose Science/ Whose Knowledge?* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1991); Harding, *The Science Question in Feminism*; Harding, *Feminism and Methodology*; Sandra Harding, “Gender, Development, and Post-Enlightenment Philosophies of Science,” *Hypatia* 13, n° 3 (1998).
28. Collins escreve:

A política identitária e a epistemologia do ponto de vista equivalem a duas formas importantes de autorização para pessoas não brancas, mulheres, pessoas pobres e novas populações de imigrantes que constituem fontes de autoridade epistêmica. A política identitária reivindica a autoridade das experiências e localização social de alguém como fonte de agência epistêmica. A epistemologia do ponto de vista assevera o direito de ser um agente epistêmico igual na interpretação das realidades de alguém nas comunidades interpretativas.

ALÉM disso:

Retratar a política identitária como uma forma inferior de política e a epistemologia do ponto de vista como uma forma de conhecimento limitada e potencialmente tendenciosa ilustra essa prática geral de descrédito da agência epistêmica dos sujeitos oprimidos.

PATRICIA Hill Collins, “Intersectionality and Epistemic Injustice”, in *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, ed. Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr. (Londres: Routledge, 2017), 119.

29. Dotson (“Epistemic Oppression”, 32) sustenta:

É como experimentar o impossível como possível e, analogamente, visualizar os limites dos seus sistemas epistemológicos que designam o possível como impossível. Ser capaz de dar esse passo é bastante difícil. Ser capaz de mudar essas limitações pode ser impossível para muitos.

30. Dotson (*ibid.*, 32) escreve:

É imperativo que aqueles que perpetraram a opressão sistêmica de terceira ordem deem um passo para trás e se conscientizem dos seus sistemas epistemológicos gerais que estão preservando e legitimando recursos epistêmicos inadequados. Esse tipo de reconhecimento, que pode ser visto como semelhante a um amplo reconhecimento dos “sistemas de tradições culturais”, é extremamente difícil.

31. Medina, *Epistemology of Resistance*, 32.

32. *Ibid.*, 30-35.

33. Georg W. F. Hegel, *The Phenomenology of Spirit* (1807).

34. Charles Mills, “Ideology”, in *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, ed. Ian James Kidd, José Medina ed Gaile Pohlhaus Jr. (Londres: Routledge, 2017), 108.

35. James Lindsay, “Postmodern Religion and the Faith of Social Justice”, *Areo Magazine*, 26 de dezembro de 2018, areomagazine.com/2018/12/18/postmodern-religion-and-the-faith-of-social-justice/.
36. Barbara Applebaum, *Being White, Being Good: White Complicity, White Moral Responsibility, and Social Justice Pedagogy* (Lanham, MD: Lexington Books, 2010), 31.
37. *Ibid.*, 100.
38. *Ibid.*, 99.
39. *Ibid.*, 43.
40. *Ibid.*, 43.
41. *Ibid.*, 102.
42. *Ibid.*, 108.
43. *Ibid.*, 96.
44. *Ibid.*, 97.
45. *Ibid.*, 112.
46. Alison Bailey, “Tracking Privilege-Preserving Epistemic Pushback in Feminist and Critical Race Philosophy Classes”, *Hypatia* 32, nº 4 (2017): 877.
47. *Ibid.*, 877.
48. *Ibid.*, 881.
49. *Ibid.*, 882.
50. Claro que não podemos pressupor que os editores da *Hypatia* tenham concordado com o argumento de Bailey. Eles podem ter publicado o artigo para gerar discussão. No entanto, também publicaram o artigo de Alison Wolf, valendo-se dele para argumentar contra o privilégio da razão na filosofia, e aceitaram o nosso artigo “falso”, valendo-se dele para afirmar que a crítica satírica ao estudo acadêmico sobre Justiça Social é inválida e antiética, com um editor dizendo: “O tópico é excelente e seria uma contribuição formidável para a filosofia feminista, e seria do interesse dos leitores de *Hypatia*”. Wolf, “Tell Me How That

Makes You Feel””; James Lindsay, Peter Boghossian e Helen Pluckrose, “Academic Grievance Studies and the Corruption of Scholarship”, *Areo Magazine*, 2 de outubro de 2018, areomagazine.com/2018/10/02/academic-grievance-studies-and-the-corruption-of-scholarship/.

51. Bailey, “Tracking Privilege-Preserving Epistemic Pushback”, 886.
52. *Ibid.*, 878.
53. *Ibid.*, 886.
54. *Ibid.*, 887.
55. *Ibid.*, 887.
56. *Ibid.*, 887.
57. Robin J. DiAngelo, “White Fragility”, *International Journal of Critical Pedagogy* 3, nº 3 (2011).
58. *Ibid.*, 54.
59. *Ibid.*, 57.
60. Claro que isso não é para acusá-la de hipocrisia. DiAngelo deixou bem claro que, como resultado da sua Teorização, ela gostaria de ser “menos branca”. Ela também enfatiza repetidas vezes que está falando apenas para pessoas brancas. Ver Michael Lee, “Whiteness Studies’ Professor to White People: You’re Racist If You Don’t Judge by Skin Color”, *Pluralist*, 29 de maio de 2019, pluralist.com/robin-diangelo-colorblindness-dangerous/.
61. Robin J. DiAngelo, *White Fragility: Why It’s So Hard for White People to Talk about Racism* (Londres: Allen Lane, 2019), 142.
62. *Ibid.*, 158.
63. *Ibid.*, 105.
64. *Ibid.*, 89.
65. Jonathan Church identificou o conceito de “fragilidade branca” de DiAngelo como vítima da falácia da reificação. Jonathan Church, “Whiteness Studies and the Theory of White Fragility Are Based on a Logical Fallacy”, *Areo Magazine*, 25 de abril de 2019, areomagazine.com/2019/04/25/

whiteness-studies-and-the-theory-of-white-fragility-are-based-on-a-logical-fallacy/. Church produziu uma série de ensaios esclarecedores sobre os problemas epistemológicos da obra de DiAngelo que podem ser acessados no seu site www.jonathandavidchurch.com.

66. Em particular, a Teoria Crítica de Max Horkheimer e a Escola de Frankfurt.
67. Ver, em particular, Breanne Fahs e Michael Karger, “Women’s Studies as Virus: Institutional Feminism, Affect, and the Projection of Danger”, *Multidisciplinary Journal of Gender Studies* 5, nº 1 (2016) e John Coveney e Sue Booth, *Critical Dietetics and Critical Nutrition Studies* (Cham, Suíça: Springer, 2019).
68. Lindsay, “Postmodern Religion”.

CAPÍTULO 9

1. Hardeep Singh, “Why Was a Disabled Grandad Sacked by Asda for Sharing a Billy Connolly Clip?” *Spectator*, 27 de junho de 2019, blogs.spectator.co.uk/2019/06/why-was-a-disabled-grandad-sacked-by-asda-for-sharing-a-billy-connolly-clip/.
2. Sean Stevens, “The Google Memo: What Does the Research Say about Gender Differences?” *Heterodox Academy*, 2 de fevereiro de 2019, heterodoxacademy.org/the-google-memo-what-does-the-research-say-about-gender-differences/.
3. Emma Powell and Patrick Grafton-Green, “Danny Baker Fired by BBC Radio 5 Live over Racist Royal Baby Tweet”, *Evening Standard*, 9 de maio de 2019, www.standard.co.uk/news/uk/danny-baker-fired-broadcaster-sacked-by-bbc-radio-5-live-over-racist-tweet-a4137951.html.
4. Charlotte Zoller, “How I Found a Fat-Positive Doctor Who Didn’t Just Tell Me to Lose Weight”, *Vice*, 15 de agosto de 2018, www.vice.com/en_us/article/43ppwj/how-to-find-a-fat-positive-doctor.
5. Lukianoff e Haidt, *The Coddling of the American Mind*.

6. Jonathan W. Wilson, “I’ve Never Had a Student Ask for a Safe Space. Here’s What They Have Asked for”, Vox, 12 de dezembro de 2018, www.vox.com/first-person/2018/12/12/18131186/college-campus-safe-spaces-trigger-warnings; Judith Shulevitz, “In College and Hiding From Scary Ideas”, The New York Times, 21 de março de 2015.
7. Daniel Koehler, “Violence and Terrorism from the Far-Right: Policy Options to Counter an Elusive Threat”, Terrorism and Counter-Terrorism Studies (fevereiro de 2019), doi.org/10.19165/2019.2.02.
8. Julia Ebner, “The Far Right Have a Safe Haven Online. We Cannot Let Their Lies Take Root”, Guardian, 14 de novembro de 2018, www.theguardian.com/commentisfree/2018/nov/14/far-right-safe-haven-online-white-supremacist-groups.
9. Natalie Gil, “‘Inside The Secret World Of Incels’ – The Men Who Want to Punish Women”, BBC Three Review, julho de 2019, www.refinery29.com/engb/2019/07/237264/inside-the-secret-world-of-incels-bbc-three.
10. Timothy Egan, “How the Insufferably Woke Help Trump”, The New York Times, 8 de novembro de 2019, www.nytimes.com/2019/11/08/opinion/warren-biden-trump.html.
11. Andrea Vacchiano, “Colleges Pay Diversity Officers More Than Professors, Staff”, Daily Signal, 14 de julho de 2017, www.dailysignal.com/2017/07/14/colleges-pay-diversity-officers-more-than-professors-staff/.
12. Alex_TARGETjobs, “Equality and Diversity Officer: Job Description”. TARGETjobs, 30 de julho de 2019, targetjobs.co.uk/careers-advice/jobdescriptions/278257-equality-and-diversity-officer-job-description.
13. Jeffrey Aaron Snyder e Amna Khalid, “The Rise of ‘Bias Response Teams’ on Campus”, New Republic, 30 de março de 2016, newrepublic.com/article/132195/rise-bias-response-teams-campus (acessado em 20 de agosto de 2019).
14. Ryan Miller et al., “Bias Response Teams: Fact vs. Fiction”, Inside Higher Ed, 17 de junho de 2019, www.insidehighered.com/views/2019/06/17/truth-about-bias-response-teams-more-complex-often-thought-opinion.

15. Snyder e Khalid, “The Rise of ‘Bias Response Teams’”.
16. Tom Slater, “No, Campus Censorship Is Not a Myth”, Spiked, 2 de abril de 2019, www.spiked-online.com/2019/02/04/campus-censorship-is-not-a-myth/.
17. Slater, “Campus Censorship”.
18. “Hypatia Editorial Office”, archive.is, 9 de junho de 2017, archive.is/kVrLb.
19. Jerry Coyne, “Journal Hypatia’s Editors Resign, and Directors Suspend Associate Editors over Their Apology for the ‘Transracialism’ Article”, Why Evolution Is True, 22 de julho de 2017, whyevolutionistrue.wordpress.com/2017/07/22/journal-hypatias-editors-resign-and-directors-suspend-associate-editors-over-their-apology-for-the-transracialism-article/.
20. Jesse Singal, “This Is What a Modern-Day Witch Hunt Looks Like”, Intelligencer, New York Magazine, 2 de maio de 2017, nymag.com/intelligencer/2017/05/transracialism-article-controversy.html.
21. Kelly Oliver, “If This Is Feminism...”, Philosophical Salon, 9 de maio de 2017, thephilosophicalsalon.com/if-this-is-feminism-its-been-hijacked-by-the-thought-police/.
22. Adam Lusher, “Professor’s ‘Bring Back Colonialism’ Call Sparks Fury and Academic Freedom Debate”, Independent, 12 de outubro de 2017, www.independent.co.uk/news/world/americas/colonialism-academic-article-bruce-gilley-threats-violence-published-withdrawn-third-world-quarterly-a7996371.html.
23. Peter Wood, “The Article That Made 16,000 Ideologues Go Wild”, Minding the Campus, 18 de outubro de 2017, www.mindingthecampus.org/2017/10/04/the-article-that-made-16000-profs-go-wild/.
24. Ben Cohen, “The Rise of Engineering’s Social Justice Warriors”, James G. Martin Center for Academic Renewal, 3 de janeiro de 2019, www.jamesg-martin.center/2018/11/the-rise-of-engineerings-social-justice-warriors/.
25. Donna Riley, *Engineering and Social Justice* (San Rafael, CA: Morgan & Claypool Publishers, 2008), 109.

26. Enrique Galindo e Jill Newton, eds. Proceedings of the 39th Annual Meeting of the North American Chapter of the International Group for the Psychology of Mathematics Education (Indianápolis, IN: Hoosier Association of Mathematics Teacher Educators, 2017).
27. Catherine Gewertz, “Seattle Schools Lead Controversial Push to ‘Rehumanize’ Math”, Education Week, 22 de outubro de 2019, www.edweek.org/ew/articles/2019/10/11/seattle-schools-lead-controversial-push-to-rehumanize.html.
28. Seriously... “Seven Things You Need to Know about Antifa”, BBC Radio 4, n.d., www.bbc.co.uk/programmes/articles/X56rQkDgd0qq-B7R68t6t7C/seven-things-you-need-to-know-about-antifa.
29. Peter Beinart, “Left Wing Protests Are Crossing the Line”, Atlantic, 16 de novembro de 2018, www.theatlantic.com/ideas/archive/2018/11/protests-tucker-carlsons-home-crossed-line/576001/.
30. Yasmeen Serhan, “Why Protesters Keep Hurling Milkshakes at British Politicians”, Atlantic, 21 de maio de 2019, www.theatlantic.com/international/archive/2019/05/milkshaking-britain-political-trend-right-wing/589876/.
31. Shaun O’Dwyer, “Of Kimono and Cultural Appropriation”, Japan Times, 4 de agosto de 2015, www.japantimes.co.jp/opinion/2015/08/04/commentary/japan-commentary/kimono-cultural-appropriation/#.XUdyw5NKj_Q.
32. Ade Onibada, “Macy’s Admits It ‘Missed the Mark’ for Selling a Portion-Sized Plate That Some People Online Aren’t Happy About”, BuzzFeed, 24 de julho de 2019, www.buzzfeed.com/adeonibada/macys-pull-portion-control-plate-mom-jeans.
33. Crystal Tai, “Noodle-Maker Nissin Yanks ‘Whitewashed’ Anime of Tennis Star Naomi Osaka”, South China Morning Post, 24 de janeiro de 2019, www.scmp.com/news/asia/east-asia/article/2183391/noodle-maker-nissin-withdraws-whitewashed-anime-ad-campaign.
34. Sarah Young, “Gucci Apologises for Selling Jumper That ‘Resembles Blackface’”, Independent, 13 de fevereiro de 2019, www.independent.co.uk/lifestyle/fashion/

- gucci-blackface-sweater-balaclava-apology-reaction-twitter-controversy-a8767101.html.
35. Ben Beaumont-Thomas, “Katy Perry Shoes Removed from Stores over Blackface Design”, *Guardian*, 12 de fevereiro de 2019, www.theguardian.com/music/2019/feb/12/katy-perry-shoes-removed-from-stores-over-blackface-design.
 36. Julia Alexander, “The Yellow \$: A Comprehensive History of Demonetization and YouTube’s War with Creators”, *Polygon*, 10 de maio de 2018, www.polygon.com/2018/5/10/17268102/youtube-demonetization-pewdiepie-logan-paul-casey-neistat-philip-defranco.
 37. Benjamin Goggin, “A Top Patreon Creator Deleted His Account, Accusing the Crowdfunding Membership Platform of ‘Political Bias’ after It Purged Conservative Accounts It Said Were Associated with Hate Groups”, *Business Insider*, 17 de dezembro de 2018, www.businessinsider.com/sam-harris-deletes-patreon-account-after-platform-boots-conservatives-2018-12?r=US&IR=T.
 38. Kari Paul e Jim Waterson, “Facebook Bans Alex Jones, Milo Yiannopoulos and Other Far-Right Figures”, *Guardian*, 2 de maio de 2019, www.theguardian.com/technology/2019/may/02/facebook-ban-alex-jones-milo-yiannopoulos.
 39. BBC News, “Twitter Bans Religious Insults Calling Groups Rats or Maggots”, *BBC News*, 9 de julho de 2019, www.bbc.co.uk/news/technology-48922546; Julia Manchester, “Self-Described Feminist Banned from Twitter Says Platform Is Setting ‘Dangerous’ Precedent”, *Hill*, 6 de dezembro de 2018, thehill.com/hilltv/rising/420033-self-described-feminist-banned-from-twitter-says-platform-is-setting-a.
 40. Jose Paglieri, “Sexist Tweets Cost Business Insider Executive His Job”, *CNN.com*, 10 de setembro de 2013, money.cnn.com/2013/09/10/technology/business-insider-cto/index.html; Emily Alford, “Denise Is Fired”, *Jezebel*, 1º de abril de 2019, jezebel.com/denise-is-fired-1833701621; Shamira Ibrahim, “In Defense of Cancel Culture”, *Vice*, 4 de abril de 2019, www.vice.com/en_us/article/vbw9pa/what-is-cancel-culture-twitter-extremely-online.

41. Alex Culbertson, “Oscars to Have No Host after Kevin Hart Homophobic Tweets”, Sky News, 10 de janeiro de 2019, news.sky.com/story/oscars-to-have-no-host-after-kevin-hart-homophobic-tweets-11603296.
42. CNN, “Ellen’s Usain Bolt Tweet Deemed Racist”, CNN.com, 17 de agosto de 2016, edition.cnn.com/2016/08/16/entertainment/ellen-degeneres-usain-bolt-tweet/index.html.
43. Hannah Jane Parkinson, “Matt Damon, Stop #Damonspaining. You Don’t Understand Sexual Harassment”, Guardian, 19 de dezembro de 2017, www.theguardian.com/commentisfree/2017/dec/19/matt-damon-sexual-harassment.
44. Brendan O’Neill, “Why Is Mario Lopez Apologising for Telling the Truth?” Spiked, 1º de agosto de 2019, www.spiked-online.com/2019/08/01/why-is-mario-lopez-apologising-for-telling-the-truth/.
45. Frances Perraudin, “Martina Navratilova Criticised over ‘Cheating’ Trans Women Comments”, Guardian, 17 de fevereiro de 2019, www.theguardian.com/sport/2019/feb/17/martina-navratilova-criticised-over-cheating-transwomen-comments.
46. “John McEnroe Says He Regrets Comments on Serena Williams and Is ‘Surprised’ by Reaction”, Telegraph, 29 de junho de 2017, www.telegraph.co.uk/tennis/2017/06/29/johnmckenroe-says-regrets-comments-serena-williams-surprised.
47. Stefania Sarrubba, “After Trans Protests, Scarlett Johansson Still Says She Should Play Everyone”, Gay Star News, 14 de julho de 2019, www.gaystarnews.com/article/scarlett-johansson-casting-controversy/#gs.yl2axx.
48. Louis Staples, “JK Rowling’s Late Attempts to Make Harry Potter More Diverse Help No-One”, Metro, 18 de março de 2019, metro.co.uk/2019/03/18/jk-rowlings-late-attempts-make-harry-potter-diverse-nothing-lgbt-fans-like-8930864/.
49. Alison Flood, “JK Rowling under Fire for Writing about ‘Native American Wizards’”, Guardian, 9 de março de 2016, www.theguardian.com/books/2016/mar/09/

- jk-rowling-under-fire-for-appropriating-navajo-tradition-history-of-magic-in-north-america-pottermore.
50. Nadra Kareem Nittle, “Cultural Appropriation in Music: From Madonna to Miley Cyrus”, ThoughtCo, 24 de fevereiro de 2019, www.thoughtco.com/cultural-appropriation-in-music-2834650.
 51. Nittle, “Cultural Appropriation”.
 52. Helena Horton, “Beyoncé Criticised for ‘Cultural Appropriation’ in New Music Video with Coldplay and Sonam Kapoor”, Telegraph, 29 de janeiro de 2016, www.telegraph.co.uk/music/news/beyonc-criticised-for-cultural-appropriation-in-new-music-video/.
 53. Sam Gillette, “Dr. Seuss Books Like Horton Hears a Who! Branded Racist and Problematic in New Study”, People.com, 28 de fevereiro de 2019, people.com/books/dr-seuss-books-racist-problematic/.
 54. “6 Racist TV Stereotypes White People Still Don’t Notice”, Digital Spy, 16 de fevereiro de 2019, www.digitalspy.com/tv/a863844/racism-movie-tv-stereotypes/.
 55. Amber Thomas, “Women Only Said 27% of the Words in 2016’s Biggest Movies”, Developer News, 10 de janeiro de 2017, www.freecodecamp.org/news/women-only-said-27-of-the-words-in-2016s-biggest-movies-955cb-480c3c4/.
 56. WatchMojo, “Top 10 Needlessly Sexualized Female Movie Characters”, Viva, 18 de outubro de 2018, viva.media/top-10-needlessly-sexualized-female-movie-characters.
 57. Chris Gardner, “Rose McGowan Calls Out ‘X-Men’ Billboard That Shows Mystique Being Strangled”, Hollywood Reporter, 2 de junho de 2016, www.hollywoodreporter.com/rambling-reporter/rose-mcgowan-calls-x-men-898538.
 58. Randall Colburn, “Jessica Chastain Blasts Game of Thrones: ‘Rape Is Not a Tool to Make a Character Stronger’”, AV Club, 7 de maio de 2019, news.av-club.com/jessica-chastain-blasts-game-of-thrones-rape-is-not-a-1834581011.

59. Katherine Cross, “Doctor Who Has Given Us a Doctor without Inner Conflict”, Polygon, 1º de janeiro de 2019, www.polygon.com/2019/1/1/18152028/doctor-who-whitaker-season-review.
60. Simon Baron-Cohen e Michael V. Lombardo, “Autism and Talent: The Cognitive and Neural Basis of Systemizing”, *Dialogues in Clinical Neuroscience* 19, nº 4 (2017).
61. Thomas Clements, “The Problem with the Neurodiversity Movement”, Quillette, 20 de outubro de 2017, quillette.com/2017/10/15/problem-neurodiversity-movement/.
62. Geoffrey Miller, “The Neurodiversity Case for Free Speech”, Quillette, 23 de agosto de 2018, quillette.com/2017/07/18/neurodiversity-case-free-speech/.
63. Caroline Praderio, “Why Some People Turned Down a ‘Medical Miracle’ and Decided to Stay Deaf,” *Insider*, 3 de janeiro de 2017, www.insider.com/why-deaf-people-turn-down-cochlear-implants-2016-12.
64. Danielle Moores, “Obesity: Causes, Complications, and Diagnosis”, *Healthline*, 16 de julho de 2018, www.healthline.com/health/obesity (acessado em 25 de agosto de 2019).
65. Sarah Knapton, “Cancer Research UK Accused of ‘Fat Shaming’ over Obesity Smoking Campaign”, *Telegraph*, 5 de julho de 2019, www.telegraph.co.uk/science/2019/07/04/cancer-research-uk-accused-fat-shaming-obesity-smoking-campaign/.
66. Caroline Davies, “‘Beach Body Ready’ Tube Advert Protests Planned for Hyde Park”, *Guardian*, 28 de abril de 2015, www.theguardian.com/media/2015/apr/27/mass-demonstration-planned-over-beach-body-ready-tube-advert.
67. “Hidden Tribes of America”, *Hidden Tribes*, hiddentribes.us/ (acessado em 7 de novembro de 2019).
68. Lukianoff e Haidt, *The Coddling of the American Mind*.
69. Bradley Campbell e Jason Manning, *The Rise of Victimhood Culture: Microaggressions, Safe Spaces, and the New Culture Wars* (Nova York: Palgrave Macmillan, 2018).

70. Ver o capítulo “False Accusations, Moral Panics and the Manufacture of Victimhood” in Campbell e Manning, *The Rise of Victimhood Culture*.
71. Lukianoff e Haidt, *The Coddling of the American Mind*, 176.
72. *Ibid.*, 24.
73. *Ibid.*, 24.
74. Campbell e Manning, *The Rise of Victimhood Culture*, 2.
75. Mike Nayna, “PART TWO: Teaching to Transgress”, vídeo do YouTube, 6 de março de 2019, www.youtube.com/watch?v=A0W9QbkX8Cs&t=6s.
76. Bruce, DiAngelo, Swaney, e Thurber, “Between Principles and Practice”.
77. Kathrine Jebesen Moore, “Knitting’s Infinity War, Part III: Showdown at Yarningham”, *Quillette*, 28 de julho de 2019, quillette.com/2019/07/28/knittings-infinity-war-part-iii-showdown-at-yarningham/.
78. Amanda Marcotte, “Atheism’s Shocking Woman Problem: What’s behind the Misogyny of Richard Dawkins and Sam Harris?” *Salon*, 3 de outubro de 2014, www.salon.com/2014/10/03/new_atheisms_troubling_misogyny_the_pompous_sexism_of_richard_dawkins_and_sam_harris_partner/.
79. Southern Baptist Convention, “On Critical Race Theory and Intersectionality” (resolução, Southern Baptist Convention, Birmingham, AL, 2019), www.sbc.net/resolutions/2308/resolution-9-on-critical-race-theory-and-intersectionality.

CAPÍTULO 10

1. John Stuart Mill, *On Liberty and Other Essays* (Oxford: Oxford University Press, 1998), 21.
2. *Ibid.*, 21.
3. *Ibid.*, 21.
4. *Ibid.*, 26.

5. A observação deste parágrafo é extraída de Jean Bricmont, *La République des censeurs* (Paris, L'Herne, 2014), 24n25.
6. Pinker, *Enlightenment Now*.
7. Edmund Fawcett, *Liberalism: The Life of an Idea* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2015), xii-xiii.
8. *Ibid.*, xiii.
9. *Ibid.*, xiii.
10. Adam Gopnik, *A Thousand Small Sanities: The Moral Adventure of Liberalism* (Londres: Riverrun, 2019), 24.
11. *Ibid.*, 24.
12. *Ibid.*, 42.
13. Steven Pinker, *The Better Angels of Our Nature: The Decline of Violence in History and Its Causes* (Londres: Allen Lane, 2011).
14. Pinker, *Enlightenment Now*, 228.
15. Jonathan Rauch, *Kindly Inquisitors: The New Attacks on Free Thought* (Chicago: University of Chicago Press, 2014), 4.
16. *Ibid.*, 38.
17. *Ibid.*, 48-49.
18. *Ibid.*, 48-49. Os leitores notarão que aqui Rauch está ecoando o argumento prático para o livre intercâmbio de ideias, conforme postulado por John Stuart Mill em 1859. Ver Mill, *On Liberty and Other Essays*.
19. *Ibid.*, 48.
20. *Ibid.*, 49.
21. *Ibid.*, 49.
22. *Ibid.*, 6.
23. *Ibid.*, 6.
24. *Ibid.*, 6.

25. Ibid., 6.
26. Ibid., 6.
27. Ibid., 13.
28. Jonathan Haidt, *The Righteous Mind: Why Good People Are Divided by Politics and Religion* (Nova York: Penguin Books, 2013).
29. Nicholas Christakis analisa a maneira pela qual os seres humanos de culturas e épocas muito diferentes estruturaram as suas sociedades no seu livro *Blueprint*. Ele pergunta (pp. xx-xxi):

Como as pessoas podem ser tão diferentes – até mesmo ir para a guerra – entre si e, ao mesmo tempo, ser tão parecidas? A razão fundamental é que cada um de nós carrega dentro de si um projeto evolucionário para criar uma boa sociedade. Os genes fazem coisas incríveis dentro dos nossos corpos, mas ainda mais incrível para mim é o que fazem fora deles. Os genes não afetam apenas a estrutura e função dos nossos corpos; não apenas a estrutura e função das nossas mentes e, portanto, os nossos comportamentos; mas também a estrutura e função das nossas sociedades. Isso é o que reconhecemos quando consideramos as pessoas ao redor do mundo. Essa é a fonte da nossa humanidade comum.

CHRISTAKIS identifica um “conjunto social” de características sociais evoluídas que os seres humanos possuem e, ao analisar diferentes comunidades que se formaram deliberadamente, como comunas, e por acaso, como sobreviventes de um naufrágio, e o seu sucesso e fracasso, afirma de maneira convincente que nenhuma sociedade bem-sucedida pode divergir exageradamente de uma estrutura que a apoie. Esse “conjunto social” inclui:

(1) a capacidade de ter e reconhecer a identidade individual, (2) amor pelos parceiros e filhos, (3) amizade, (4) redes sociais, (5) cooperação, (6) preferência pelo próprio grupo (ou seja, “viés de membro do grupo”), (7) hierarquia moderada (ou seja, igualitarismo relativo) e (8) aprendizagem e ensino social.

NICHOLAS A. Christakis, *Blueprint: The Evolutionary Origins of a Good Society*. (Nova York: Little, Brown, Spark, 2019), p. 13.

30. Haidt, *Righteous Mind*.

31. Pinker, *The Blank Slate*.

32. Martin Luther King Jr., “I Have a Dream” (discurso proferido na Marcha de Washington por Trabalho e Liberdade, 1963), disponível em Martin Luther King, Jr., Research and Education Institute, jkinginstitute.stanford.edu/king-papers/documents/i-have-dream-address-delivered-march-washington-jobs-and-freedom.

33. O notável é que os Teóricos críticos da raça às vezes consideram essa citação como um exemplo escolhido a dedo do pensamento de King que os brancos usam para controlar os negros que apoiam a Teoria crítica da raça ou que criticam a “branquitude”.

34. Michael Lee, “‘Whiteness Studies’ Professor to White People: You’re Racist If You Don’t Judge by Skin Color”, *Pluralist*, 29 de maio de 2019, pluralist.com/robin-diangelo-colorblindness-dangerous/.

35. Escreve Pinker:

O desejo de vingança é mais facilmente modulado quando o perpetrador cai no nosso círculo natural de empatia. Tendemos a perdoar os nossos parentes e amigos íntimos por ofensas que seriam imperdoáveis nos outros. E quando nosso círculo de empatia se expande (...) o nosso círculo de perdoabilidade se expande com isso.

PINKER, *Better Angels*, 541.

36. Elizabeth Redden, “Hungary Officially Ends Gender Studies Programs”, *Inside Higher Ed*, 17 de outubro de 2018, www.insidehighered.com/quicktakes/2018/10/17/hungary-officially-ends-gender-studies-programs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- ABELSON, Miriam J. “Dangerous Privilege: Trans Men, Masculinities, and Changing Perceptions of Safety”. *Sociological Forum* 29, n° 3 (2014): 549-70.
- ALLEN, Amy. “Power/Knowledge/Resistance: Foucault and Epistemic Injustice”. In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, editado por Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., 187-194. Nova York: Routledge, 2017.
- AMOORE, Louise. *The Global Resistance Reader*. Londres: Routledge, 2005.
- ANDERSON, Elizabeth. “Epistemic Justice as a Virtue of Social Institutions”. *Social Epistemology* 26, n° 2 (2012): 163-173.
- ANDERSON, Eric. *Inclusive Masculinity: The Changing Nature of Masculinities*. Londres: Routledge, 2012.
- ANDERSON, Walter Truett. *The Fontana Postmodernism Reader*. Londres: Fontana Press, 1996.
- ANDREWS, Kehinde. “Preface”. In *Rhodes Must Fall: The Struggle to Decolonise the Racist Heart of Empire*, editado por Roseanne Chantiluke, Brian Kwoba e Athinangamso Nkopo. Londres: Zed Books, 2018.
- APHRAMOR, Lucy; GRINGAS, Jacqui. “Disappeared Feminist Discourses on Fat in Dietetic Theory and Practice”. In *The Fat Studies Reader*, editado por Esther D. Rothblum e Sondra Solovay, 97-105. Nova York: New York University Press, 2009.

- APPLEBAUM, Barbara. *Being White, Being Good: White Complicity, White Moral Responsibility, and Social Justice Pedagogy*. Lanham: Lexington Books, 2010.
- BABBIT, Susan E. “Epistemic and Political Freedom”. In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, editado por Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., 261–269. Londres: Routledge, 2017.
- BACON, Linda. *Health at Every Size: The Surprising Truth about Your Weight*. Dallas, TX: BenBella Books, 2010.
- BAILEY, Alison. “The Unlevel Knowing Field: An Engagement with Dotson’s Third-Order Epistemic Oppression”. *Social Epistemology Review and Reply Collective* 3, no 10 (2014): 62-68. [ssrn.com/abstract=2798934](https://www.ssrn.com/abstract=2798934).
- BAILEY, Alison. “Tracking Privilege-Preserving Epistemic Pushback in Feminist and Critical Race Philosophy Classes”. *Hypatia* 32, no 4 (2017): 876-92.
- BARTHES, Roland. “The Death of the Author”. *Aspen* no 5/6, item 3: Three Essays. Acessado em 9 de novembro de 2019. www.ubu.com/aspen/aspen5and6/threeEssays.html.
- BARON-COHEN, Simon; LOMBARDO, Michael V. “Autism and Talent: The Cognitive and Neural Basis of Systemizing”. *Dialogues in Clinical Neuroscience* 19, no 4 (2017): 345-353.
- BAUDRILLARD, Jean. *Symbolic Exchange and Death*. Traduzido para o inglês por Iain Hamilton Grant. Londres: SAGE Publications, 2017.
- . *Simulacra and Simulation*. Traduzido para o inglês por Sheila Faria Glaser. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2018.
- BELL, Derrick A. “Brown v. Board of Education and the Interest-Convergence Dilemma”. *Harvard Law Review* 93, No 3 (1980): 518-533.
- . *Race, Racism, and American Law*. Boston: Little, Brown, and Co., 1984.
- . “Racial Realism.” *Connecticut Law Review* 24, no. 2 (1992): 363–379.
- . *And We Are Not Saved: The Elusive Quest for Racial Justice*. Nova York: Basic Books, 2008.

- BERENSTAIN, Nora. “Epistemic Exploitation”. *Ergo, an Open Access Journal of Philosophy* 3, no 22 (2016): 569-590.
- BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex*. Traduzido para o inglês por H. M. Parshley. Nova York: Vintage Books, 1974.
- BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. Londres: Routledge, 1994.
- BHAMBRA, Gurinder K.; GEBRIAL, Dalia; NIŞANCIOĞLU, Kerem, eds. *Decolonising the University*. Londres: Pluto Press, 2018.
- BISHOP, Alan J. “Western Mathematics: The Secret Weapon of Cultural Imperialism”. *Race & Class* 32, no 2 (1990): 51-65.
- BLEIER, Ruth. *Science and Gender: A Critique of Biology and Its Theories on Women*. Nova York: Pergamon Press, 1984.
- BOHMAN, James. “Critical Theory”. In *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, editado por Edward N. Zalta (Winter 2019 Edition). plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/critical-theory/.
- BOYD, Brian. *Evolution, Literature and Film: A Reader*. Nova York: Columbia University Press, 2010.
- BRICMONT, Jean. *La République des censeurs*. Paris, L’Herne, 2014.
- BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of “Sex”*. Nova York: Routledge, 1993.
- . “Contingent Foundations: Feminism and the Question of ‘Postmodernism’.” In *The Postmodern Turn: New Perspectives on Social Theory*, editado por Steven Seidman, 153-170. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- . *Gender Trouble*. Londres: Routledge, 2006.
- CAMPBELL, Bradley e Jason Manning. *The Rise of Victimhood Culture: Microaggressions, Safe Spaces, and the New Culture Wars*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2018.
- CAMPBELL, Fiona Kumari. *Contours of Ableism: The Production of Disability and Aabledness*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2012.

- CHANTILUKE, Roseanne; KWOPA, Brian; NKOPO, Athinangamso, eds. *Rhodes Must Fall: The Struggle to Decolonise the Racist Heart of Empire*. Londres: Zed Books, 2018.
- CHEN, Mel Y. *Animacies: Biopolitics, Racial Mattering, and Queer Affect*. Durham, NC: Duke University Press, 2012.
- CHO, Sumi; CRENSHAW, Kimberlé Williams; MCCALL, Leslie. "Toward a Field of Intersectionality Studies: Theory, Applications, and Praxis". *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 38, n° 4 (2013): 785-810.
- CHRISTAKIS, Nicholas A. *Blueprint: The Evolutionary Origins of a Good Society*. Nova York: Little, Brown, Spark, 2019.
- CODE, Lorraine. "Epistemic Responsibility". In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, editado por Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., 89-99. Londres: Routledge, 2017.
- COLLINS, Patricia Hill. "Toward a New Vision: Race, Class, and Gender as Categories of Analysis and Connection". *Race, Sex & Class* 1, n° 1 (1993): 25-45.
- . *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. Nova York: Routledge, 2015.
- . "Intersectionality and Epistemic Injustice." In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, editado por Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., 115-124. Londres: Routledge, 2017.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Intersectionality*. Cambridge: Polity Press, 2016.
- CONNELL, Catherine. "Doing, Undoing, or Redoing Gender?" *Gender & Society* 24, n° 1 (2010): 31-55.
- CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. Vancouver: Langara College, 2018.
- CONRAD, Joseph. *Heart of Darkness: and Other Stories*. Nova York: Barnes & Noble, 2019.
- COOPER, Charlotte. *Fat Activism: A Radical Social Movement*. Bristol, Inglaterra: HammerOnPress, 2016.

- COURVILLE, Mathieu E. “Genealogies of Postcolonialism: A Slight Return from Said and Foucault Back to Fanon and Sartre”. *Studies in Religion/Sciences Religieuses* 36, n° 2 (2007): 215-240.
- COVENEY, John; BOOTH, Sue. *Critical Dietetics and Critical Nutrition Studies*. Cham, Suíça: Springer, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé W. “Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color”. *Stanford Law Review* 43, n° 6 (1991): 1241-1299.
- . “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics”. *Feminist Legal Theory* (2018): 57-80.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*. Traduzido para o inglês por Robert J. Hurley. Londres: Bloomsbury Academic, 2016.
- DELGADO, Richard; STEFANCIC, Jean. *Critical Race Theory: An Introduction*. Nova York: New York University Press, 2017.
- DERRIDA, Jacques. *Of Grammatology*. Traduzido para o inglês por Gayatri Chakravorty Spivak. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976.
- . *Speech and Phenomena: And Other Essays on Husserl’s Theory of Signs*. Traduzido para o inglês por David B. Allison. Evanston, IN: Northwestern University Press, 1984.
- . *Writing and Difference*. Traduzido para o inglês por Alan Bass. Londres: Routledge, 2001.
- DESCARTES, René. *Discourse on the Method: The Original Text with English Translation*. Erebus Society, 2017.
- DETMER, David. *Challenging Postmodernism: Philosophy and the Politics of Truth*. Amherst, NY: Humanity Books, 2003.
- DIANGELO, Robin J. “White Fragility”. *International Journal of Critical Pedagogy* 3, n° 3 (2011): 54-70.

- . *White Fragility: Why It's So Hard for White People to Talk about Racism*. Londres: Allen Lane, 2019.
- DONALDSON, Laura E. "Writing the Talking Stick: Alphabetic Literacy as Colonial Technology and Postcolonial Appropriation". *American Indian Quarterly* 22, no 1/2 (1998): 46-62.
- DOTSON, Kristie. "Tracking Epistemic Violence: Tracking Practices of Silencing". *Hypatia* 26, no 2 (2011): 236-257.
- . "How Is This Paper Philosophy?" *Comparative Philosophy: An International Journal of Constructive Engagement of Distinct Approaches toward World Philosophy* 3, no 1 (2012): Article 5.
- . "Conceptualizing Epistemic Oppression". *Social Epistemology* 28, no 2 (2014): 115-138.
- DOUGLASS, Frederick. *Narrative of the Life Frederick Douglass*. Lexington, KY: CreateSpace, 2013.
- DOWD, Nancy E. *The Man Question: Male Subordination and Privilege*. Nova York: New York University Press, 2016.
- DU BOIS, W. E. B. *The Souls of Black Folk: The Unabridged Classic*. Nova York: Clydesdale, 2019.
- FAHS, Breanne; KARGER, Michael. "Women's Studies as Virus: Institutional Feminism, Affect, and the Projection of Danger". *Multidisciplinary Journal of Gender Studies* 5, no 1 (2016): 929-957.
- FALK, Armin; HERMLE, Johannes. "Relationship of Gender Differences in Preferences to Economic Development and Gender Equality". *Science* 362, no 6412 (2018): eaas9899.
- FANON, Frantz. *The Wretched of the Earth*. Traduzido para o inglês por Constance Farrington. Harmondsworth: Penguin, 1967.
- . *A Dying Colonialism*. Traduzido para o inglês por Haakon Chevalier. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1970.
- . *Black Skin, White Masks*. Traduzido para o inglês por Richard Philcox. Nova York: Penguin Books, 2019.

- FARRELL, Amy Erdman. *Fat Shame: Stigma and the Fat Body in American Culture*. Nova York: New York University Press, 2011.
- FAWCETT, Edmund. *Liberalism: The Life of an Idea*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2015.
- FESTINGER, Leon; RIECKEN, Henry W.; SCHACHTER, Stanley. *When Prophecy Fails: A Social and Psychological Study of a Modern Group That Predicted the Destruction of the World*. Nova York: Harper Torchbooks, 1956.
- FOUCAULT, Michel. *The Archaeology of Knowledge: And the Discourse on Language*. Traduzido para o inglês por A. M. Sheridan Smith. Londres: Tavistock, 1972.
- . *Birth of the Clinic: An Archaeology of Medical Perception*. Traduzido para o inglês por A. M. Sheridan Smith. Londres: Tavistock, 1975.
- . “On the Genealogy of Ethics: An Overview of Work in Progress”. Posfácio para Michel Foucault: *Beyond Structuralism and Hermeneutics*, 2a ed., de Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- . *The History of Sexuality: Volume 1, an Introduction*. Traduzido para o inglês por Robert J. Hurley. Nova York: Penguin, 1990.
- . *Madness and Civilization: A History of Insanity in the Age of Reason*. Traduzido para o inglês por Richard Howard e Jean Kafka. Nova York: Routledge, 2001.
- . *The Order of Things: An Archaeology of the Human Sciences*. Londres: Routledge, 2002.
- FREEMAN, Alan David. “Legitimizing Racial Discrimination Through Anti-discrimination Law: A Critical Review of Supreme Court Doctrine”. *Minnesota Law Review* 62, no 1049 (1978): 1049-1119. scholarship.law.umn.edu/mlr/804.
- FREEMAN, Elizabeth. *Time Binds: Queer Temporalities, Queer Histories*. Durham, NC: Duke University Press, 2010.

- FRICKER, Miranda. *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- FRIEDAN, Betty. *The Feminine Mystique*. Nova York: W. W. Norton & Company, 2013.
- GIKANDI, Simon. "Poststructuralism and Postcolonial Discourse". In *Cambridge Companion to Postcolonial Studies*. Editado por Neil Lazarus. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- GEBRIAL, Dalia. "Rhodes Must Fall: Oxford and Movements for Change". In *Decolonising the University*, editado por Gurminder K. Bhambra, Dalia Gebrial e Kerem Nişancıoğlu, 19-36. Londres: Pluto Press, 2018.
- GILLBORN, David. "Intersectionality, Critical Race Theory, and the Primacy of Racism". *Qualitative Inquiry* 21, no 3 (2015): 277-287.
- GOODLEY, Dan. *Dis/ability Studies: Theorising Disablism and Ableism*. Nova York: Routledge, 2014.
- GOPNIK, Adam. *A Thousand Small Sanities: the Moral Adventure of Liberalism*. Londres: Riverrun, 2019.
- GORDON, Linda. "'Intersectionality', Socialist Feminism and Contemporary Activism: Musings by a Second-Wave Socialist Feminist". *Gender & History* 28, no 2 (2016): 340-357.
- GOSSETT, Thomas F. *Race: The History of an Idea in America*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- GOTTSCHALL, Jonathan. *Literature, Science and a New Humanities*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2008.
- GRASSWICK, Heidi. "Epistemic Injustice in Science". In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, editado por Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., 313-323. Londres: Routledge, 2017.
- GREER, Germaine. *The Female Eunuch*. Londres: Fourth Estate, 2012.
- GREY, Sandra J. "Activist Academics: What Future?" *Policy Futures in Education* 11, no 6 (2013): 700-711.

- HAIDT, Jonathan. *The Righteous Mind: Why Good People Are Divided by Politics and Religion*. Nova York: Penguin Books, 2013.
- HALBERSTAM, Judith. *In a Queer Time and Place: Transgender Bodies, Sub-cultural Lives*. Nova York: New York University Press, 2005.
- HALPERIN, David M. *One Hundred Years of Homosexuality: And Other Essays on Greek Love*. Londres: Routledge, 1990.
- . *Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography*. Nova York: Oxford University Press, 1997.
- . “The Normalization of Queer Theory”. *Journal of Homosexuality* 45, no 2-4 (2003): 339-343.
- HANCOCK, Ange-Marie. *Intersectionality: An Intellectual History*. Nova York: Oxford University Press, 2016.
- HARAWAY, Donna, “Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective”. *Feminist Studies* 14, no 3 (1988): 575-599.
- HARDING, Sandra. “Rethinking Standpoint Epistemology: What Is ‘Strong Objectivity’?” *Centennial Review* 36, no 3 (1992): 437-470.
- HARDING, Sandra. *Whose Science/Whose Knowledge?* Ithaca, NY: Cornell University Press, 1991.
- . *The Science Question in Feminism*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1993.
- . *Feminism and Methodology: Social Science Issues*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1996.
- . “Gender, Development, and Post Enlightenment Philosophies of Science”. *Hypatia* 13, no 3 (1998): 146-167.
- HARRIS, Angela P. “Race and Essentialism in Feminist Legal Theory”. *Stanford Law Review* 42, no 3 (1990): 581-616.
- HARVEY, David. *The Condition of Postmodernity*. Cambridge, MA: Blackwell, 2000.

- HAWKING, Stephen; MLODINOW, Leonard. *The Grand Design*. Nova York: Bantam Books, 2010.
- HEGEL, Georg W. F. *The Phenomenology of Spirit*. 1807.
- HICKS, Stephen R. C. *Explaining Postmodernism: Skepticism and Socialism from Rousseau to Foucault*. Tempe, AZ: Scholargy Publishing, 2004.
- HIRALDO, Payne. "The Role of Critical Race Theory in Higher Education". *Vermont Connection* 31, no 7 (2010): Article 7. scholarworks.uvm.edu/tvc/vol31/iss1/7.
- HIRSCHMANN, Nancy J. "Choosing Betrayal". *Perspectives on Politics* 8, no 1 (2010): 271-278.
- HOOKS, bell. "Postmodern Blackness". In *The Fontana Postmodernism Reader*, editado por Walter Truett Anderson, 113-120. Londres: Fontana Press, 1996.
- . "Racism and Feminism: The Issue of Accountability". In *Making Sense of Women's Lives: An Introduction to Women's Studies*, editado por Lauri Umansky, Paul K. Longmore e Michele Plott, 388-411. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2000.
- HOROWITZ, Mark; HAYNOR, Anthony; KICKHAM, Kenneth. "Sociology's Sacred Victims and the Politics of Knowledge: Moral Foundations Theory and Disciplinary Controversies". *American Sociologist* 49, no 4 (2018): 459-495.
- HUTCHEON, Linda. "Circling the Downspout of Empire". In *Past the Last Post: Theorizing Post-Colonialism and Post-Modernism*, editado por Ian Adam e Helen Tiffin, 167-189. Londres: Harvester/Wheatsheaf, 1991.
- JACKSON, Stevi. "Why a Materialist Feminism Is (Still) Possible – and Necessary". *Women's Studies International Forum* 24, no 3-4 (2001): 283-293.
- JAGOSE, Annamarie. *Queer Theory: An Introduction*. Nova York: New York University Press, 2010.
- JAMESON, Fredric. *Postmodernism: Or, the Cultural Logic of Late Capitalism*. Nova York: Verso Books, 2019.

- JOLIVÉTTE, Andrew. *Research Justice: Methodologies for Social Change*. Bristol, UK: Policy Press, 2015.
- JORDAN, Winthrop D. *White over Black American Attitudes toward the Negro, 1550-1812*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2012.
- KIDD, Ian James; MEDINA, José; POLHAUS, Gaile Jr. "Introduction". In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, editado por Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., 1-9. Londres: Routledge, 2017.
- KIMMEL, Michael S. *The Politics of Manhood: Profeminist Men Respond to the Mythopoetic Men's Movement (and the Mythopoetic Leaders Answer)*. Filadélfia: Temple University Press, 1995.
- KRAMER, Caroline K.; ZINMAN, Bernard; RETNAKARAN, Ravi. "Are Metabolically Healthy Overweight and Obesity Benign Conditions?: A Systematic Review and Meta-analysis". *Annals of Internal Medicine* 159, no 11 (3 de dezembro de 2013). annals.org/aim/article-abstract/1784291/metabolically-healthy-overweight-obesity-benign-conditions-systematic-review-meta-analysis?doi=10.7326/0003-4819-159-11-201312030-00008.
- KOEHLER, Daniel. "Violence and Terrorism from the Far-Right: Policy Options to Counter an Elusive Threat". *Terrorism and Counter-Terrorism Studies* (fevereiro de 2019). doi.org/10.19165/2019.2.02.
- KUPERS, Terry A. "Toxic Masculinity as a Barrier to Mental Health Treatment in Prison". *Journal of Clinical Psychology* 61, no 6 (2005): 713-724.
- KVALE, Steinar, "Themes of Postmodernity". In *The Fontana Postmodernism Reader*, editado por Walter Truett Anderson, 18-25. Londres: Fontana Press, 1996.
- LANDÉN, Mikael; INNALA, Sune. "The Effect of a Biological Explanation on Attitudes towards Homosexual Persons. A Swedish National Sample Study". *Nordic Journal of Psychiatry* 56, no 3 (2002): 181-186.
- LANGTON, Rae. "Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing by Miranda Fricker". Book review. *Hypatia* 25, no 2 (2010): 459-464.

- LAURETIS, Teresa De. *Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities*. Providence, RI: Brown University Press, 1991.
- LEBESCO, Kathleen. "Prescription for Harm: Diet Industry Influence, Public Health Policy, and the 'Obesity Epidemic'". In *The Fat Studies Reader*, editado por Esther D. Rothblum e Sondra Solovay, 65-74. Nova York: New York University Press, 2009.
- LIND, Rebecca Ann. "A Note From the Guest Editor". *Journal of Broadcasting & Electronic Media* 54 (2010): 3-5.
- LORBER, Judith. "Shifting Paradigms and Challenging Categories". *Social Problems* 53, no 4 (2006): 448-453.
- LORDE, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Berkeley, CA: Crossing Press, 2007.
- LUKIANOFF, Greg; HAIDT, Jonathan. *The Coddling of the American Mind: How Good Intentions and Bad Ideas Are Setting Up a Generation for Failure*. Nova York: Penguin Books, 2019.
- LYOTARD, Jean François. *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*. Manchester: Manchester UP, 1991.
- MALDONADO-TORRES, Nelson; VIZCAÍNO, Rafael; WALLACE, Jasmine; ANNABEL, Jeong Eun. "Decolonizing Philosophy". In *Decolonising the University*, editado por Gurminder K. Bhambra, Dalia Gebrial e Kerem Nişancioğlu. 64-89. Londres: Pluto Press, 2018.
- MANNE, Kate. *Down Girl: The Logic of Misogyny*. Nova York: Oxford University Press, 2018.
- MCLEOD, John, ed. *The Routledge Companion to Postcolonial Studies*. Londres: Routledge, 2007.
- MCHALE, Brian. *The Cambridge Introduction to Postmodernism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- MCINTOSH, Peggy. *On Privilege, Fraudulence, and Teaching As Learning: Selected Essays 1981-2019*. Nova York: Taylor & Francis, 2019.

- MCRUER, Robert; BÉRUBÉ, Michael. *Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability*. Nova York: New York University Press, 2006.
- MEDINA, José. *The Epistemology of Resistance: Gender and Racial Oppression, Epistemic Injustice, and Resistant Imaginations*. Nova York: Oxford University Press, 2013.
- . “Varieties of Hermeneutical Injustice.” In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, editado por Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., 41-52. Londres: Routledge, 2017.
- MILL, John Stuart. *On Liberty and Other Essays*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- MILLETT, Kate; MACKINNON, Catharine A.; MEAD, Rebecca. *Sexual Politics*. Nova York: Columbia University Press, 2016.
- MILLS, Charles. “Ideology”. In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, editado por Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., 100-111. Londres: Routledge, 2017.
- MITCHELL, Allyson. “Sedentary Lifestyle: Fat Queer Craft”. *Fat Studies* 7, no 2 (2017): 147-158.
- MORTON, Stephen. “Poststructuralist Formulations”. In *The Routledge Companion to Postcolonial Studies*, editado por John McCleod, 161-172. Londres: Routledge, 2007.
- MUTUA, Kagendo; SWADENER, Beth Blue. *Decolonizing Research in Cross-cultural Contexts: Critical Personal Narratives*. Albany, NY: SUNY Press, 2011.
- NANDA, Meera. “We Are All Hybrids Now: The Dangerous Epistemology of Post-colonial Populism”. *Journal of Peasant Studies* 28, no 2 (2001): 162-186.
- NEILL, Michael. “‘Mulattos,’ ‘Blacks,’ and ‘Indian Moors’: Othello and Early Modern Constructions of Human Difference”. *Shakespeare Quarterly* 49, no 4 (1998): 361-374.

- NORWOOD, Carollette R. "Decolonizing My Hair, Unshackling My Curls: An Autoethnography on What Makes My Natural Hair Journey a Black Feminist Statement". *International Feminist Journal of Politics* 20, no 1 (2017): 69-84.
- OLIVER, Michael; SAPEY, Bob; THOMAS, Pam. *Social Work with Disabled People*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012.
- ORTNER, Sherry B. "Is Female to Male as Nature Is to Culture?" In *Woman, Culture, and Society*, editado por Michelle Zimbalist Rosaldo e Louise Lamphere, 67-88. Palo Alto, CA: Stanford University Press, 1974.
- PERNA, Laura W. *Taking It to the Streets: The Role of Scholarship in Advocacy and Advocacy in Scholarship*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2018.
- PILCHER, Jane; WHELEHAN, Imelda. *Key Concepts in Gender Studies*. Los Angeles: Sage, 2017.
- PINKER, Steven. *The Blank Slate: The Modern Denial of Human Nature*. Londres: Penguin, 2002.
- . *The Better Angels of Our Nature: The Decline of Violence in History and Its Causes*. Londres: Allen Lane, 2011.
- . *Enlightenment Now. The Case for Reason, Science, Humanism and Progress*. Penguin Books, 2019.
- POOVEY, Mary. "Feminism and Deconstruction". *Feminist Studies* 14, no 1 (1988): 51-65.
- RAUCH, Jonathan. *Kindly Inquisitors The New Attacks on Free Thought*. Chicago: University of Chicago Press, 2014.
- RAWLS, John. *A Theory of Justice*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- RICH, Adrienne. *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*. Denver, CO: Antelope Publications, 1982.
- RILEY, Donna. *Engineering and Social Justice*. San Rafael, CA: Morgan & Claypool Publishers, 2008.
- ROBERSON, Lara L., et al. "Beyond BMI: The 'Metabolically Healthy Obese' Phenotype and Its Association with Clinical/Subclinical Cardiovascular

- Disease and All-Cause Mortality – A Systematic Review”. *BMC Public Health* 14, no 1 (2014): Article 14.
- RORTY, Richard. *Philosophy and the Mirror of Nature*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1979.
- . *Contingency, Irony, and Solidarity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- ROTHBLUM, Esther D.; SOLOVAY, Sondra, eds. *The Fat Studies Reader*. Nova York: New York University Press, 2009.
- RUBIN, Gayle. “Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality”. In *The Lesbian and Gay Studies Reader*, editado por Henry Abelow, Michèle Aina Barale e David M. Halperin, 3-44. Abingdon: Taylor & Francis, 1993.
- SAID, Edward. *Orientalism*. Londres: Penguin, 2003.
- SCURO, Jennifer. *Addressing Ableism: Philosophical Questions via Disability Studies*. Lanham, MD: Lexington Books, 2019.
- SEIDMAN, Steven. *The Postmodern Turn: New Perspectives on Social Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Berkeley, CA: University of California Press, 2008.
- SHAPIRO, Joseph P. *No Pity: People with Disabilities Forging a New Civil Rights Movement*. Nova York: Times Books, 1994.
- SHOTWELL, Alexis. “Forms of Knowing and Epistemic Resources”. In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, editado por Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., 79-88. Londres: Routledge, 2017.
- SLEETER, Christine E. “Critical Race Theory and Education”. In *Encyclopedia of Diversity in Education*, editado por James A. Banks, 491-495. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2012.
- SMITH, Linda Tuhiwai. *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples*. Londres: Zed Books, 1999.

- SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean. *Fashionable Nonsense: Postmodern Intellectuals Abuse of Science*. Nova York: St. Martin's Press, 1999.
- SOUEIF, Ahdaf. "The Function of Narrative in the War on Terror". In *War on Terror*, editado por Chris Miller, 28-42. Manchester: Manchester University Press, 2009.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. "Can the Subaltern Speak?" In *Marxism and the Interpretation of Culture*, editado por Cary Nelson e Lawrence Grossberg, 271-313. Chicago: University of Illinois Press, 1988.
- . "Subaltern Studies: Deconstructing Historiography". In *Selected Subaltern Studies*, editado por Ranajit Guha e Gayatri Chakravorty Spivak, 3-32. Nova York: Oxford University Press, 1988.
- STERN, Mark; HUSSAIN, Khuram. "On the Charter Question: Black Marxism and Black Nationalism". *Race Ethnicity and Education* 18, no 1 (2014): 61-88.
- TOTH, Lucille. "Praising Twerk: Why Aren't We All Shaking Our Butt?" *French Cultural Studies* 28, no 3 (2017): 291-302.
- TOVAR, Virgie. *You Have the Right to Remain Fat*. Nova York: Feminist Press, 2018.
- TRUTH, Sojourner. "The Narrative of Sojourner Truth". In *A Celebration of Women Writers*, editado por Olive Gilbert. www.digital.library.upenn.edu/women/truth/1850/1850.html.
- TUANA, Nancy. "Feminist Epistemology: The Subject of Knowledge". In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, editado por Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., 125-138. Londres: Routledge, 2017.
- WANDERER, Jeremy. "Varieties of Testimonial Injustice". In *The Routledge Handbook of Epistemic Injustice*, editado por Ian James Kidd, José Medina e Gaile Pohlhaus Jr., 27-40. Londres: Routledge, 2017.
- WANN, Marilyn. "Foreword". In *The Fat Studies Reader*, editado por Esther D. Rothblum e Sondra Solovay. Nova York: New York University Press, 2009.
- WEST, Candace; FENSTERMAKER, Sarah. "Doing Difference". *Gender & Society* 9, no 1 (1995): 8-37.

- WEST, Candace; ZIMMERMAN, Don H. "Doing Gender". *Gender & Society* 1, n. 2 (1987): 125-151.
- WILLIAMS, Patricia J. *The Alchemy of Race and Rights*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.
- WILSON. E. O. "From Sociobiology to Sociology". In *Evolution, Literature, and Film: A Reader*, editado por Brian Boyd, Joseph Carroll e Jonathan Gottschall, 135-143. Nova York: Columbia University Press, 2010.
- WOLF, Allison B. "'Tell Me How That Makes You Feel': Philosophys Reason/Emotion Divide and Epistemic Pushback in Philosophy Classrooms". *Hypatia* 32, no 4 (2017): 893-910. doi.org/10.1111/hypa.12378.



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JUNHO DE 2021